
Wilhelm Reich

Materialismo

Dialéctico

e Psicanálise

WILHELM REICH

MATERIALISMO DIALÉCTICO E PSICANÁLISE

Biblioteca de Ciências Humanas

3.º edição

Tradução de

JOAQUIM JOSÉ MOURA RAMOS

Editorial Presença * Livraria Martins Fontes

Portugal

Brasil

Capa de F. C.

Reservados todos os direitos desta edição à
EDITORIAL PRESENÇA, LDA., Av. João XXI, 56-1.º
LISBOA

Sumário

MATERIALISMO DIALÉCTICO E PSICANÁLISE	8
PREFACIO	8
OS CONHECIMENTOS MATERIALISTAS DA PSICANÁLISE E ALGUMAS INTERPRETAÇÕES IDEALISTAS	15
1. A teoria psicanalítica das pulsões	20
2. A teoria do inconsciente e do recalçamento	28
A DIALÉCTICA DO PSIQUISMO	36
A POSIÇÃO SOCIOLÓGICA DA PSICANALISE	61
A APLICAÇÃO DA PSICANÁLISE À PESQUISA HISTÓRICA	73

NOTA PRÉVIA

*O texto aqui publicado surgiu pela primeira vez em 1929 editado em *Unter dem Banner des Marxismus* e depois em 1934 em *Verlag für Sexualpolitik*, (Copenhaga); esta última edição foi completada e corrigida em certos aspectos por Wilhelm Reich, por meio de notas que nesta edição são precedidas pela indicação: Nota de 1934.*

A compreensão deste texto é facilitada pelo conhecimento da conjuntura teórica e política em que ele surgiu.

Em primeiro lugar convém situá-lo no contexto de uma luta contra os desvios mecanicistas e economistas do marxismo da época. De fato, a análise marxista «oficial» da ascensão e da vitória do fascismo cantonava-se nos habituais lugares comuns: as massas em si são revolucionárias, mas... Este impasse teórico e político tem a sua origem no desconhecimento da realidade específica da ideologia; sendo a realidade social concebida de forma mecânica, a ideologia como elemento da «superestrutura» não é captada como instância dotada de uma autonomia relativa, de uma estrutura e de uma dinâmica própria. Daí que as relações entre a «superestrutura» e a «infra-estrutura» sejam concebidas de forma mecânica, como «reflexo» ou «expressão».

Reduz-se assim a ideologia à função social e política que ela desempenha numa determinada formação social, interpretação tipicamente funcionalista, contraditória com o método marxista. A experiência revelou a incapacidade de esta concepção conduzir a uma prática política adequada, mesmo no domínio ideológico.

Outro elemento importante da conjuntura em que surgiu este

ensaio, foi o aparecimento da psicanálise. W. Reich foi um dos primeiros marxistas a aperceber-se de que a teoria psicanalítica, articulada com o materialismo dialético, era susceptível de fornecer ao marxismo meios para sair do impasse: se a ideologia não é discurso puro, ilusão nua, reflexo sem consistência, é necessário detectar nela a combinação de elementos materiais, reais e imaginários, de acordo com leis para as quais a psicanálise pode fornecer importantes contribuições, e isto sobretudo no caso de ser verdade que a ideologia se instala para além de qualquer referência a um sujeito singular. Esta é a tão atual problemática que W. Reich abordava já há quarenta anos.

Poder-se-á dizer que o texto está já em certos aspectos ultrapassado; poder-se-á até constatar que, ao lutar contra o mecanismo o próprio Reich não consegue evitar determinadas formulações mecanicistas; que, no domínio dos conceitos psicanalíticos, Reich se afasta da teoria freudiana: uma certa rejeição do desejo para o plano da necessidade, a redução do conflito psíquico ao conflito originário eu-mundo exterior, a concepção da pulsão como forma vazia que recebe o seu conteúdo do exterior (sociedade), a sua evolução para o mito da análise «total» (biológica, fisiológica, sociológica), evolução esta que é até revelada pelas notas de 1934, etc. Mas são os fundamentos epistemológicos das primeiras obras de Reich aquilo que consideramos importante revelar aqui; e também a sua importante contribuição para a articulação da psicanálise (então rotulada de ciência burguesa pelo marxismo mecanicista) com o marxismo, articulação essa de que hoje compreendemos a enorme importância (Lacan, Sebag e também o freudo-marxismo).

Quanto à tradução, feita a partir da edição francesa, achamos útil fazer alguns reparos prévios:

1 — A palavra PULSION foi traduzida em geral por pulsão, mas em

determinados contextos preferimos traduzi-la por instinto (por exemplo, instinto de auto-conservação).

2 — A palavra *CONTRAİNTE*, normalmente traduzida por constrangimento, foi no caso da expressão *contrainte sociale* traduzida por pressão social.

Significado de algumas expressões utilizadas por Reich:

1 — *Estrutura caracterial*: Soma integral das atitudes características e musculares (espasmos musculares crônicos) típicas, que um indivíduo constrói a fim de bloquear as suas excitações emotivas e as suas sensações orgânicas. É a maneira típica de agir e de reagir de um indivíduo.

2 — *Economia sexual*: O termo *economia sexual* (*sex-economy*) refere-se ao modo de regulação da energia biológica ou, o que é o mesmo, à economia das energias sexuais do indivíduo. A *economia sexual* designa o modo como o indivíduo dispõe da sua energia biológica; a quantidade que ele mantém bloqueada relativamente à que ele descarrega no orgasmo. Os fatores que determinam este modo de regulação são de natureza sociológica, psicológica e biológica. A ciência da *economia sexual* consistiu neste corpo de conhecimentos que resultou do estudo destes fatores. Ela permite designar a obra de Reich desde a sua refutação da filosofia freudiana da cultura, até à descoberta da *orgone*, momento em que foi superada pela *orgonomia*, ou ciência da *Energia Vital*.

3 — *Política sexual*: O termo *política sexual* (*sex-politics*) remete para a aplicação prática das concepções da *economia sexual* ao domínio social à escala coletiva. Este trabalho foi realizado no quadro das organizações de higiene mental e das organizações revolucionárias, na Áustria e na Alemanha entre 1927 e 1933.

Estas definições são da Wilhelm Reich Trust Fund.

Joaquim José Moura Ramos

MATERIALISMO DIALÉTICO E PSICANÁLISE

PREFACIO

Existirão ligações entre a psicanálise de *Freud* e o materialismo dialético de *Marx* e de *Engels*? Responder a esta pergunta, discernir essas ligações no caso de existirem, é o objetivo a que nos propomos. A nossa resposta permitirá também dizer se é possível encetar a discussão sobre as relações da psicanálise com a revolução proletária e a luta de classes.

As poucas contribuições ao tema «psicanálise e socialismo» que até hoje encontramos na literatura, pecam pelo fato de à discussão, quer do lado do marxismo, quer do lado da psicanálise, faltar uma orientação adequada. Do lado marxista a crítica da aplicação dos conhecimentos psicanalíticos à teoria social era em parte justificada. As raras contribuições de psicanalistas a este problema faltaram uma orientação adequada nas questões fundamentais do materialismo dialético; por outro lado esses psicanalistas desprezavam completamente o problema central da sociologia de Marx: a luta de classes. Por isso mesmo essas contribuições não tinham a mínima utilidade para um sociólogo marxista, da mesma forma que um ensaio sobre os problemas psicológicos não tem para o psicanalista qualquer significação, se não tomar em conta os fatos do desenvolvimento sexual infantil, do recalçamento sexual, da vida psíquica inconsciente e da resistência sexual.

Neste assunto, o resultado mais deplorável é o trabalho de Kolnai «*Psicanálise e sociologia*»¹ — autor que, sem mais nem menos, sem nunca ter sido realmente analista, «aterrou» em *Scheler* após se ter oficialmente separado da psicanálise; é pena que não o tenha feito antes da redação do seu panfleto sobre a sociologia, porque, segundo ele próprio afirmou, já não tinha as mesmas idéias... O seu trabalho é rico em interpretações falsas, metafísicas e idealistas dos fatos descobertos pela psicanálise; abstrairmos dele durante esta nossa discussão. *Jurinetz*, que utilizou o trabalho de *Kolnai* como ponto de partida para uma crítica da psicanálise, apresentou-o erradamente como «um dos mais fervorosos discípulos de *Freud*»².

Não podemos entrar aqui no pormenor do trabalho de *Jurinetz*; mas para esclarecer as coisas ao nível dos princípios devemos desde já dizer que a recusa expressa pelos teóricos marxistas na sua crítica da psicanálise se justifica em dois aspectos.

A partir do momento em que se abandona o domínio próprio da psicanálise, a partir sobretudo do momento em que se tenta aplicá-la aos problemas sociais, faz-se dela uma *Weltsanschauung*, uma concepção do mundo; ela assume então a forma de sistema psicológico, de sistema que, contrariamente ao marxismo, preconiza o reino da razão e pretende melhorar a existência social através de uma regulamentação racional das relações humanas e de uma educação tendente para um domínio consciente da vida pulsional. Este racionalismo utópico — que revela, entretanto uma concepção individualista do fenómeno social — não é nem original nem revolucionário, além de que ultrapassa as atribuições da psicanálise. Segundo a própria definição do seu fundador, esta é apenas um método psicológico que, com meios científicos, procura descrever e

1 Internationaler Psychwarbalytischer Verlag, 1923.

2 «Psicanálise e Marxismo», em *Untes-dem Banner des Marxismos*, 1.º ano, n.º 1

explicar a vida psíquica, considerada como um domínio particular da natureza. Não sendo um sistema filosófico (*Weltsanschauung*) nem sendo capaz de engendrar um, a psicanálise não poderia substituir nem completar a concepção materialista da história. Ciência natural, ela não tem nada de comum com as concepções históricas de *Marx*.³

O verdadeiro objeto da psicanálise é a vida psíquica do homem tornado ser social. Ela só se interessa com o psiquismo das massas na medida em que nele surgem fenômenos individuais (o problema do chefe por exemplo), na medida em que, pelo seu conhecimento do indivíduo, ela pode explicar as manifestações da «alma das massas» tais como o medo, o pânico, a obediência, etc. Mas parece que o fenômeno da consciência de classe lhe é dificilmente acessível; e os problemas tais como o movimento de massas, a política, a greve, que são do domínio da sociologia, escapam ao método psicanalítico. Ela não pode portanto substituir a sociologia, nem sequer extrair de si própria uma doutrina

3 Nota de 1934: O que não quer dizer que os conhecimentos analíticos não impliquem conseqüências sociais. Dado que toda a ciência tem o seu ponto de partida numa tomada de posição prática relativamente aos problemas atuais (*Daseinsfragen*) — tal como a psicanálise teve como origem o problema da compreensão e da cura das doenças psíquicas—, na base da investigação científica estão as necessidades práticas. O cientista pode produzir um trabalho muito fecundo sem deduzir, ao nível da concepção do mundo, as conseqüências do seu trabalho. Mas se a concepção do mundo adquirida pelo cientista entra em contradição com os resultados do seu trabalho, a investigação vem geralmente a sofrer com isso. Então, se ele não reconhece, àqueles cuja atividade é constituída por uma praxis que se inscreve numa concepção do mundo, o direito de deduzirem da sua teoria as conseqüências que ele próprio rejeitou ou não conseguiu descobrir, o cientista entra em conflito consigo mesmo — destino este que não poupou a maior parte dos nossos investigadores. E por isto que Freud, enquanto cientista, não tinha o dever de extrair da sua teoria as conseqüências sociais: na prática, isto continua reservado ao sociólogo. Que esta separação entre pesquisa e conseqüência seja uma particularidade da ciência burguesa e que deva ser abolida no socialismo, não duvidamos.

sociológica. No entanto, pode desempenhar, relativamente à sociologia, o papel de ciência auxiliar, por exemplo sob a forma de psicologia social. A psicanálise pode descobrir os motivos irracionais que levam um temperamento de chefe⁴ a ligar-se mais ao socialismo do que ao nacionalismo, ou inversamente; pode também discernir a influência das ideologias sociais no desenvolvimento psíquico do indivíduo⁵. Os críticos marxistas têm pois razão quando criticam muitos psicanalistas por quererem explicar o que, com a ajuda deste método, não é explicável; mas não têm razão quando identificam o método com aqueles que o aplicam, e quando lhe atribuem os erros cometidos por estes.

Somos assim conduzidos a estabelecer uma distinção necessária — mas que nem sempre surge claramente na literatura marxista — entre o marxismo como sociologia, portanto ciência, e o marxismo como método de investigação e como prática baseada numa concepção do mundo.⁶ A sociologia marxista é o resultado da aplicação do método marxista ao domínio do ser social. Como ciência, a psicanálise é irmã da sociologia marxista; uma trata dos fenômenos psíquicos, outra dos fenômenos sociais, e se acontece ajudarem-se mutuamente, e apenas na medida em que o fato social deve ser explorado no psiquismo individual, ou inversamente, o fato psíquico no ser social. A sociologia não poderia pois

4 Ver E. KOHN: «Lasscile, o chefe», Editions psychanalytiques internationales, 1926.

5 Nota de 1934: Estas formulações foram fortemente criticadas pelos sociólogos psicanalíticos. Sobre este assunto ver o meu artigo: «Para a aplicação da psicanálise à pesquisa histórica» (N. T.: Este artigo foi publicado em português em *Psicanálise e sociedade*, Ed. Presença, coleção *Perspectivas*). Sobre o problema da aplicação de conhecimentos psicanalíticos às questões respeitantes às consciências de classe, ver o trabalho, proventente da minha equipa, de Ernst Parsll «que é a consciência de classe?», Verlag für Sexualpolitik, 1934. (N. T.: Ernst Parai é um dos pseudônimos com que W. Reich escrevia).

6 Naturalmente, o método e a ciência não são isoláveis na prática; interpenetram-se. A distinção serve apenas para a compreensão dos conceitos.

explicar uma neurose, uma perturbação da aptidão para o trabalho ou da atividade *sexual*. Mas tratando-se do materialismo dialético, já o mesmo não acontece. Neste caso, das duas uma: ou a psicanálise se opõe ao marxismo como método — neste caso ela seria idealista e anti-dialética — ou então é possível demonstrar que, no seu domínio específico, a psicanálise aplicou de fato o materialismo dialético e desenvolveu teorias correspondentes — inconscientemente, como tantas outras ciências naturais. Do ponto de vista do método lógico, a psicanálise só pode opor-se ao marxismo ou concordar com ele. No primeiro caso, isto é, se os resultados psicanalíticos não são dialéticos e materialistas, o marxismo deve rejeitar esta doutrina; mas no segundo caso, ele sabe que se trata de uma ciência que não entra em contradição com o socialismo.⁷

Os marxistas formularam duas objeções contra a psicanálise no que respeita ao lugar a ocupar por esta disciplina no socialismo.

1. *Ela seria um fenômeno de decomposição da burguesia decadente* — Esta objeção revela uma lacuna na concepção dialética da psicanálise. Não terá a doutrina social marxista sido também um

7 Nota de 1934: Neste caso não bastaria reconhecê-la, mas seria preciso fazê-la entrar na construção da concepção materialista dialética do mundo. O que não deixaria de ter influência nas idéias e teorias que se desenvolveram até hoje. Marx e Engels sempre salientaram a idéia segundo a qual cada nova descoberta científica modificaria e faria progredir o materialismo dialético na sua representação do mundo. Quando, como tantas vezes acontece, marxistas limitados se opõem à assimilação de novas ciências, fazem-no certamente com a profunda convicção de «manter a pureza» do marxismo, mas cometem o grande erro de confundir a concepção do mundo e o método materialista-dialético com a teoria marxista dos fatos; aquela é muito mais lata, mais geral, mais constante do que esta que, como qualquer teoria dos fatos, está sujeita a alteração. Uma teoria da pequena-burguesia, por exemplo, esboçada em 1848, não pode ser totalmente válida para a pequena-burguesia de 1934. Mas o método para atingir resultados exatos sobre a pequena burguesia, permanece o mesmo hoje como ontem. O método de investigação é sempre mais importante do que a teoria específica.

«fenômeno de decomposição» da burguesia? Foi «fenômeno de decomposição» na medida em que nunca teria podido surgir sem a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção capitalistas; mas foi também o reconhecimento e portanto, ao mesmo tempo, o germe ideológico da nova ordem econômica que se desenvolvia no seio da antiga. Voltaremos mais tarde à posição sociológica da psicanálise. Por agora damos a palavra ao marxista Wittfogel que refuta esta objeção melhor do que nós o poderíamos fazer⁸.

Alguns críticos marxistas — os «iconoclastas» -- não têm problemas em fazer um juízo sobre a ciência atual. Categoricamente, afirmam: «Ciência burguesa!» e para eles estas duas palavras resolvem todo o problema. Um tal método (se assim se lhe pode chamar!) utiliza o instrumento dos bárbaros. De Marx e do seu pensamento dialético tomou apenas o nome. O dialético sabe que uma cultura não é um todo uniforme como um alqueire de feijão. Sabe que qualquer ordem social possui as suas contradições e que no seu seio crescem os germens de novas épocas sociais. Por isso o dialético não considera como valores inferiores, nem como inutilizável na sociedade futura, aquilo que as mãos burguesas criaram na época da burguesia.

2. *Ela seria uma ciência idealista — Um saber um pouco mais vasto teria poupado aos críticos este juízo; com um pouco de objetividade não teriam esquecido que, na sociedade burguesa, qualquer ciência, por muito materialista que seja na base, dá e deve dar lugar a deformações idealistas. Na formação da teoria, em que é inevitável um certo afastamento da experiência, admite-se uma deformação idealista sem que por isso se possa ajuizar previamente da natureza real da ciência. Jurinetz fez grandes esforços para sublinhar os desvios idealistas na psicanálise; é certo que eles existem e até são muito numerosos; mas não*

8 WITTFOGEL: A Ciência na sociedade burguesa, pág. 18.

é esse o problema; na realidade, o que está em causa são os elementos da teoria, as concepções fundamentais dos fenômenos psíquicos.

A psicanálise é freqüentemente evocada na discussão das correntes políticas reformistas. Donde muitos extraem o argumento de que a filosofia reformista se alia de bom grado à psicanálise — *de Man*, por exemplo, explorou de forma reacionária a psicanálise contra o marxismo. Ora eu afirmo — e posso referir-me a marxistas de esquerda — que é possível, desde que se queira, utilizar o «marxismo» contra o marxismo, de forma igualmente reacionária. Mas um crítico que conhecesse realmente a psicanálise, nunca teria tido a ideia de estabelecer, como fez *Deborin*⁹, uma ligação, fosse qual fosse, entre a «psicanálise» de *de Man* e a psicanálise de *Freud*. Perguntamo-nos o que é que o socialismo sentimental de *de Man* pode ter de comum com a teoria da libido, mesmo quando ele invoca a psicanálise que aliás nunca compreendeu. No último capítulo tentarei mostrar que, nas mãos dos reformistas¹⁰, a psicanálise sofre a mesma sorte que o marxismo vivo; aviltamento e dissolução.

Estudaremos por ordem:

1. A base materialista da teoria psicanalítica.
2. A dialética na vida mental.
3. A posição social da psicanálise.

⁹ DEBORIN: «Uma nova campanha contra o marxismo», *Unter dem Banner des Marxismus*, 2.º Ano, n.º 12.

¹⁰ Nota de 1934: e do economismo.

OS CONHECIMENTOS MATERIALISTAS DA PSICANÁLISE E ALGUMAS INTERPRETAÇÕES IDEALISTAS

Antes de mostrar o enorme progresso que a psicanálise representa no sentido materialista relativamente à psicologia, sobretudo idealista e formalista, que a precedeu, convém rejeitar de uma vez para sempre uma falsa concepção «materialista» da vida psíquica, concepção essa ainda muito espalhada até mesmo nos meios marxistas. Trata-se do materialismo mecanicista tal como foi defendido pelos materialistas franceses do século XVIII e por *Büchner* e tal como sobrevive ainda nas concepções do materialismo vulgar¹¹. De acordo com esta concepção os processos psíquicos não têm em si nada de material; o materialismo conseqüente que só deve buscar no mental fenômenos exclusivamente psíquicos. A simples noção de «*psyché*» surge para alguns materialistas como um erro idealista e dualista, o que não é mais do que uma reação

11 «O materialismo do século passado era em grande parte mecânico porque nesta época, de todas as ciências naturais, apenas a mecânica... tinha chegado a um certo desenvolvimento. A química ainda só existia na sua forma primitiva, flogística. A biologia estava ainda no começo. O organismo vegetal e animal só tinha sido estudado de forma muito grosseira e apenas era explicado por causas de natureza puramente mecânica. Para os materialistas do séc. XVIII, o homem era uma máquina, tal como o animal para Descartes. Esta aplicação exclusiva da mecânica aos fenômenos de natureza química e orgânica, em que as leis não-mecânicas também tinham certamente a sua ação mas eram relegadas para segundo plano por leis superiores, constitui uma limitação específica, mas inevitável nesta época, do materialismo francês clássico». (F. ENGELS, Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica).

extrema contra o idealismo platônico que se perpetua na filosofia burguesa. Não é o espírito que é real e material — afirmam — mas sim os dados físicos que lhe correspondem, quer dizer os dados não subjetivos, mas sim objetivos, mensuráveis e ponderáveis. O erro mecanicista consiste em identificar com o material aquilo que é mensurável e ponderável, isto é, tangível.

O principal erro de todo o materialismo passado, escreve Marx¹² — incluindo o de Feuerbach — consiste em que o objetivo, a realidade, o mundo sensível, só são encarados sob a forma de objeto ou de intuição, e não como atividade humana concreta, como praxis, de forma não subjetiva. É isto que explica a razão pela qual o aspecto ativo foi sobretudo desenvolvido pelo idealismo em oposição ao materialismo, mas apenas abstratamente, pois o idealismo não conhece naturalmente a atividade real sensível, como tal. Feuerbach, quer os objetos sensíveis realmente distintos dos objetos do pensamento, mas não considera a atividade humana em si como atividade objetiva.

Para Marx, o problema da objetividade, portanto da realidade material da atividade psíquica («do pensamento humano»), é um problema puramente escolástico quando desligado da prática. Mas:

A doutrina materialista, que sustenta que os homens são produto de circunstâncias e da educação, portanto que os homens transformados são produto de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que são precisamente os homens quem transforma as circunstâncias e que o próprio educador precisa de ser educado¹³.

12 MARX, *Teses sobre Feuerbach*.

13 MARX, *Teses sobre Feuerbach*.

Marx nunca fala em negar a realidade material da atividade mental. Mas se reconhecermos como materiais os fenômenos do psiquismo humano, seremos igualmente obrigados a reconhecer a possibilidade teórica de uma psicologia materialista, mesmo que não explique esta atividade mental por processos orgânicos. Rejeitar este ponto de vista equivale a recusar discutir como marxista um método puramente psicológico. E então, com toda a lógica, não será preciso falar mais de consciência de classe, de vontade revolucionária, de ideologia religiosa, etc.; bastará apenas esperar que a química acabe por fixar em fórmulas todos os processos fisiológicos correspondentes, ou que a reflexologia acabe por descobrir os reflexos correspondentes. Mas, devendo necessariamente permanecer agarrada a um formalismo causal, sem dar acesso ao conteúdo prático das representações e dos sentimentos, uma tal psicologia não conduzirá de maneira nenhuma a uma melhor compreensão do prazer, do sofrimento, ou da consciência de classe. Estas considerações vão ao centro do problema: no quadro do marxismo surge como indispensável uma psicologia que analise os fenômenos psíquicos por meio de um método psicológico e não orgânico.

Para qualificar de materialista uma psicologia não bastará, evidentemente, que ela se ocupe dos dados materiais da vida mental. Será sobretudo necessário que ela diga claramente se considera a atividade psíquica como um dado metafísico, isto é, situado para além do orgânico, ou como uma segunda função, desenvolvendo-se a partir do orgânico e ligada à sua existência¹⁴. Segundo *Engels*, na obra atrás citada,

14 Nota de 1934: Esta formulação correspondia ao saber psicanalítico no momento em que este ensaio foi descrito. Depois, foi possível captar os fatos com mais precisão: a psicanálise descobriu em primeiro lugar leis que caracterizam a vida psíquica como tal: a projeção, por exemplo. Freud sempre admitiu que o psíquico se elabora na base do orgânico, sem por isso deduzir as leis psíquicas das leis orgânicas. A economia sexual que deve captar o processo sexual em todas as suas funções, psíquicas como fisiológicas,

o idealismo e o materialismo distinguem-se essencialmente um do outro pelo fato de o primeiro considerar em primeiro lugar o «espírito», o segundo a matéria (orgânica), a natureza; e Engels sublinha que não emprega estas duas noções com outro sentido. No *Materialismo e Empiocríticismo*¹⁵, Lenine tomou para objeto dos seus estudos críticos uma segunda diferença, a saber, a atitude observada face à teoria do conhecimento: o mundo será real, existirá fora e independentemente do nosso pensamento (materialismo) ou existirá apenas no nosso espírito, como representação, sensação e percepção (idealismo)? Uma terceira diferença, ligada às precedentes, reside na seguinte pergunta: Será o orgânico que edifica o mental, ou inversamente?

Em vez de dar uma resposta geral a estas interrogações que se põem à psicanálise, começaremos por apresentar as teorias fundamentais. Quer sejam exatos ou falsos os fatos sobre os quais a psicanálise se apóia, julgá-los nunca pode ser objeto de uma crítica metodológica, mas sim de uma crítica empírica. Entre os marxistas, Thalheimer¹⁶ cometeu o erro de criticar empiricamente a teoria

biológicas como sociais, deve descobrir a lei sexual fundamental em todas as funções deste processo, se pretender tornar-se uma disciplina científica correta. Deste modo ela vê-se colocada perante o difícil problema de distinguir as funções sexuais psíquicas das funções sexuais biológicas. O método dialético, que ela utiliza conscientemente, ajuda-a nesta tarefa. No plano dos princípios, eis o que é importante dizer: O psíquico tem sem dúvida a sua origem no orgânico, deve apresentar as mesmas leis que este; mas, ao mesmo tempo, opõe-se ao orgânico como seu contrário e, nesta função, desenvolve leis que lhe são próprias. A tarefa da psicanálise só pode ser a pesquisa destas últimas; no essencial esta tarefa já foi realizada. Podemos acreditar que a economia sexual consiga resolver fundamentalmente o problema das relações entre as funções corporais e psíquicas; o êxito depende de circunstâncias ainda incontroláveis. Cf. «A contradição originária da vida vegetativa» (de *Urgegensatz des vegetativen lebens*), *Ztsch. f. pol. Psych. u. Sexök*, n.º 2-4, 1934.

15 Lenine, *Oeuvres complètes*, vol. XIII.

16 Nota de 1934: «Dissolução do austro-marxismo», em *Unter dem Banner des*

psicanalítica e de lhe contestar as descobertas sem conhecimento concreto suficiente, enquanto que *Jurinetz* levou a cabo uma crítica metodológica também sem possuir o conhecimento suficiente dos fatos analíticos. Não tentaremos demonstrar as teorias psicanalíticas; este objetivo, além de ser estéril, ultrapassaria o quadro do nosso trabalho. O leitor encontrará provas na sua experiência empírica pessoal.

1. A teoria psicanalítica das pulsões

A teoria das pulsões constitui a ossatura da doutrina psicanalítica; o seu elemento mais sólido é a teoria da libido, a da dinâmica da pulsão sexual¹⁷.

A pulsão é uma «noção limite entre o psíquico e o somático». Por libido, *Freud*¹⁸ entende a energia do instinto sexual. Segundo ele, a fonte da libido é um processo químico ainda mal conhecido que se desenrola no organismo, sobretudo no aparelho sexual e nas zonas ditas «erógenas», isto é, nas partes do organismo especialmente sensíveis à excitação sexual e onde esta se concentra¹⁹. Nestas fontes de excitação sexual edifica-se a poderosa superestrutura das funções psíquicas da libido; esta superestrutura permanece ligada à sua base, modifica-se com ela, quer quantitativa quer qualitativamente — na puberdade por exemplo — e começa a apagar-se com ela — como depois da menopausa. A libido

17 Nota de 1934: O exame materialista dialético e a continuação na prática clínica da teoria das pulsões de Freud deram lugar a uma concepção da dinâmica sexual que, a partir das concepções primitivas de Freud, conduziram já a resultados de certo modo satisfatórios. (cf. «Analyse du caractère», último capítulo, 1933)

18 Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.

19 Nota de 1934: Recentes observações clínicas, relacionadas com as investigações da filosofia orgânica moderna, modificaram esta concepção em proveito de outra, a saber, que se trata de processos de carga e de descarga eletrofisiológicas no organismo. Sobre este assunto ver: «O organismo como descarga eletrofisiológica» Z f. p. P. u. S., 1934, e as passagens que se referem às pesquisas de Fr. Kraus em: «A contradição originária...» Aquilo a que se chama quimismo sexual parece não ser mais do que uma função de uma energia orgânica mais geral. Sobre este problema, o essencial está ainda por descobrir.

reflete-se na consciência como uma tendência física e psíquica para a satisfação sexual, isto é, para uma descontração agradável (*lustvoll*). *Freud* exprimiu a esperança de ver um dia a psicanálise baseada em fundamentos orgânicos; e a idéia do quimismo sexual desempenha, a título de representação auxiliar, um papel importante na sua teoria da libido; de qualquer modo, a psicanálise não pode abordar metodicamente os fenômenos orgânicos concretos: este estudo continua reservado à fisiologia²⁰. A natureza material da noção de libido elaborada por *Freud* surge claramente no fato de que a sua teoria da sexualidade infantil foi desde então inteiramente confirmada pelos fisiologistas, que descobriram processos evolutivos até mesmo no aparelho sexual do recém-nascido.

Freud fez tábua rasa da concepção segundo a qual a pulsão sexual «só nasce na puberdade»; mostrou que desde o nascimento a libido passava por determinados estádios de desenvolvimento antes de atingir o estágio da sexualidade genital. Alargou a noção de sexualidade incorporando nela todas as funções de prazer que não estão ligadas à esfera genital, mas que são inegavelmente de natureza sexual, como o erotismo oral, anal, etc. As formas infantis «pré-genitais» da atividade sexual subordinam-se mais tarde ao primado do genital, à supremacia do aparelho sexual propriamente dito.

Cada uma das fases de desenvolvimento da libido — voltaremos mais tarde ao caráter dialético deste desenvolvimento — é caracterizado pelas condições de existência da criança: assim, a fase oral nasce com a ingestão dos alimentos, a fase anal com as funções de excreção e o ensino da higiene. Imbuída de moral burguesa, a ciência desprezou pura e simplesmente estes fatos, confirmando a concepção popular da «pureza» da criança. A repressão sexual social havia-se tornado entretanto um obstáculo à investigação científica.

20 Ver a revisão desta concepção na nota 14.

Entre as pulsões, *Freud* distingue dois grupos principais, psicologicamente indivisíveis: a pulsão de conservação e a pulsão sexual, apoiando-se assim na distinção popular entre fome e amor. Todas as outras pulsões — vontade de poder, ambição, ganância, etc. — são para *Freud* apenas formações secundárias, produtos destas duas necessidades fundamentais. *Freud* escreve algures que a pulsão sexual surge inicialmente apoiada na pulsão de nutrição; esta frase teria a maior importância para a psicologia social se nela se chegasse a encontrar uma correlação com as teses semelhantes de *Marx*, segundo as quais a necessidade alimentar é, na existência social, também a base das funções sexuais da sociedade²¹.

Mais tarde, *Freud* opôs a pulsão sexual à pulsão de destruição e incluiu a pulsão de nutrição no *eros* como função do amor-de-si (narcisismo de auto-conservação)²². As relações da nova repartição das pulsões com a antiga não estão ainda claramente determinadas. As novas noções da teoria das pulsões: pulsão de *eros* e pulsão de morte (pulsão sexual e pulsão de destruição), foram definidas com base nas duas funções fundamentais da substância orgânica: assimilação (construção) e desassimilação (destruição) ; o *eros* engloba todas as tendências do

21 Nota de 1934: No problema da relação entre a necessidade alimentar e a necessidade sexual, a reflexão da economia sexual proporcionou alguns passos em frente; a necessidade alimentar corresponde a uma diminuição da tensão, da energia no organismo, a necessidade sexual, pelo contrário, corresponde a um aumento de tensão, de energia; a primeira só pode ser satisfeita por um armazenamento de energia, a segunda por uma descarga ou dispêndio de energia. O que explica que na elaboração do aparelho psíquico a fome não desempenhe nenhum papel, ou apenas de forma mediata, enquanto que a energia sexual constitui a força produtiva, positiva, estruturante propriamente dita do psiquismo. Está em preparação uma análise detalhada deste problema. 2 claro que este fato é de uma importância decisiva para o problema da natureza enérgica da formação da estrutura e da ideologia.

22 *Para além do princípio do prazer e o Eu e o infra-Eu*, ed. Payot, Paris.

organismo psíquico que constroem, atraem, estimulam; a pulsão de destruição agrupa pelo contrário as tendências que destroem, dispersam, remetem ao estado original. O desenvolvimento psíquico resultaria assim de uma luta entre estas duas tendências antagónicas; o que corresponde a uma concepção essencialmente dialética do desenvolvimento²³. Mas não é aqui que está a dificuldade. Enquanto a base física da pulsão sexual e da pulsão de nutrição é evidente, à noção de pulsão de morte falta um fundamento material igualmente claro: a invocação do processo orgânico de desassimilação representa, neste caso, mais uma analogia formal do que uma relação efetiva de conteúdo. A pulsão de morte só será materialista na medida em que uma relação *real* a ligue aos processos de autodestruição no organismo. Mas não podemos negar que o seu conteúdo impreciso e a impossibilidade de a captar como tal — o que já é possível para a libido por exemplo — fazem facilmente dela o refúgio das especulações idealistas e metafísicas sobre a vida psíquica. Já suscitou na psicanálise vários equívocos, conduziu a teorias finalistas e a exageros das funções morais, o que consideramos como um desvio idealista da psicanálise. Segundo o próprio *Freud*, «a pulsão de morte» é uma hipótese extra-clínica; mas não é por acaso que com ela se opera tão facilmente, e que, na psicanálise, abriu as portas a especulações inúteis. Para reagir contra a corrente idealista que se desenvolveu com a nova hipótese das pulsões, o autor destas linhas tentou conceber a pulsão de destruição como dependendo da libido, e portanto incluí-la na teoria materialista da libido²⁴. Esta tentativa baseia-se na observação clínica: constata-se que as disposições rancorosas de um indivíduo e os seus entimentos de culpabilidade dependem, pelo menos quanto à sua

23 Nota de 1934: Esta concepção teve que ser corrigida. Ver os dois últimos capítulos de «Analyse du caractère».

24 Reich, *A função do orgasmo*, 1927, capítulo: «A dependência da pulsão de destruição relativamente estase da libido»; ver por outro lado a refutação da teoria da pulsão de morte em *Analyse du caractère: carácter masoquista*».

intensidade, do estado da economia libidinal, de modo que a insatisfação sexual aumenta a agressividade ao passo que a satisfação a diminui. Segundo esta concepção, a pulsão de destruição é psicologicamente uma reação à falta de satisfação sexual, e a sua base física é o deslocamento da excitação libidinal, desviada para o sistema muscular.

Mas é inegável que a pulsão de agressão é também um instrumento de pulsão de nutrição e que ela se reforça quando a necessidade nutritiva não está suficientemente satisfeita. Em minha opinião, a pulsão de destruição é uma formação secundária, tardia, do organismo, determinada pelas condições nas quais são satisfeitas a pulsão de nutrição e a sexualidade.

O regulador da vida pulsional é o «princípio do prazer-desprazer».²⁵ A pulsão procura o prazer e tende a evitar o desprazer. A tensão desagradável originada pela necessidade só pode ser suprimida pela satisfação da necessidade. O objetivo da pulsão é pois suprimir a tensão pulsional suprimindo a excitação que está na origem da pulsão. Esta satisfação procura prazer. Uma excitação física, na zona genital por exemplo, provoca uma excitação que por sua vez engendra uma necessidade (uma pulsão) de suprimir a tensão criada. Uma tensão orgânica dos órgãos de nutrição provoca a fome e impele à ingestão de alimentos²⁶. Esta consideração causal comporta a consideração final, sendo o objetivo para que tende a pulsão determinado pela fonte de excitação. Aqui, a psicanálise como teoria opõe-se radicalmente à psicologia individual de *Alfred Adler*, de orientação exclusivamente finalista.

25 N. T. Traduziu-se *déplaisir* por desprazer, que assume o significado de constrangimento, dor.

26 Nota de 1934: ver nota 21.

Tudo o que engendra o prazer atrai, tudo o que engendra o desprazer repele: assim, o princípio do prazer determina o movimento, a transformação do estado de coisas existente. A fonte desta função é o aparelho orgânico das pulsões, em particular o quimismo sexual.

Uma vez satisfeita a necessidade, sobrevém um período de repouso no fim do qual o aparelho das pulsões se distende de novo, como uma mola. Na base desta tensão, encontramos processos de metabolismo²⁷.

Mas o modo de funcionamento das duas necessidades humanas fundamentais só reveste a sua forma específica na existência social do indivíduo: com efeito, esta limita a satisfação das pulsões. Ao enunciar o «princípio da realidade», *Freud* reuniu nele todas as limitações e todas as pressões sociais que tendem a menosprezar as necessidades ou a retardar-lhes a satisfação. Este «princípio da realidade» opõe-se pois em parte ao princípio do prazer, na medida em que impede completamente determinadas satisfações; mas também o modifica na medida em que obriga o indivíduo a procurar satisfações de substituição ou a retardar uma determinada satisfação. A criança de mama, por exemplo, só pode tomar a sua refeição a determinadas horas; a rapariga púbere não pode, na sociedade atual, satisfazer imediatamente as suas necessidades sexuais naturais. Os interesses econômicos (o burguês diria «interesses culturais») obrigam-na a conservar a virgindade até ao casamento, sob pena de se expor ao desprezo público ou ao risco de não encontrar marido. O impedimento da satisfação direta do erotismo anal, tal como a pratica a criança, é também consequência do princípio da realidade.

Mas a definição do princípio da realidade como exigência da sociedade permanente formal se não acrescentar concretamente que o

27 Nota de 1934: ver nota 19

princípio da realidade, sob a forma que reveste para nós atualmente, é o princípio da sociedade capitalista, baseada na economia privada. São numerosos os desvios idealistas em psicanálise quanto à maneira de conceber o princípio da realidade. Assim, ele é muitas vezes apresentado como um dado absoluto. Por adaptação à realidade entende-se simplesmente a adaptação à sociedade, o que, na pedagogia como na terapêutica das neuroses, constitui inegavelmente uma formulação conservadora. Concretamente: o princípio da realidade na época capitalista impõe ao proletário uma extrema limitação das suas necessidades, não sem invocar para este fim as obrigações religiosas de humildade e de modéstia. Impõe também a forma sexual monogâmica e ainda muitas outras coisas. A base de tudo está nas condições econômicas; a classe dominante possui um princípio da realidade que serve para a manutenção do seu poder. Inculcar este princípio no proletário, fazer com que ele o admita como absolutamente válido em nome da cultura, equivale a fazê-lo aceitar a sua exploração, a fazê-lo admitir a sociedade capitalista. 2" necessário ver claramente que o conceito de princípio de realidade tal como é atualmente concebido por numerosos psicanalistas, corresponde a uma atitude conservadora (se bem que talvez inconsciente) e encontra-se assim em contradição com o caráter objetivamente revolucionário da psicanálise. O princípio da realidade tinha originalmente um outro conteúdo; modificar-se-á na medida em que se modificar a ordem social.

Naturalmente, o conteúdo concreto do princípio do prazer também não é absoluto e muda com o modo de existência social. Numa época em que se consagra uma grande atenção à higiene, a satisfação anal, por exemplo, será mais fraca e a tendência para esta satisfação mais forte que numa sociedade primitiva; esta diferença exprime-se também qualitativamente na formação de determinados traços de caráter.

Basta pensar no esteticismo edificado em torno do erotismo anal e nos diversos significados que possui na época burguesa, na sociedade primitiva ou na Idade Média. Determinados elementos da tendência para o prazer são revelados mais intensamente que outros: isto também depende naturalmente da classe a que pertence a criança. Assim, por exemplo, as tendências anais parecem muito mais pronunciadas na burguesia do que no proletariado, enquanto que, inversamente, os impulsos genitais são muito mais intensos no proletariado. Mas a educação e as condições (to habitação entram também em linha de conta.

A diferença nas disposições biológicas não devia com certeza ser nem muito grande, nem determinante. Mas, a partir do nascimento, o meio social começa a modelar o conteúdo do princípio do prazer. As futuras investigações dir-nos-ão talvez se as diferenças nas condições de nutrição agem sobre a constituição pulsional desde o início, e se determinam a qualidade e a intensidade das tendências (*Strebungen*)²⁸.

28 Nota de 1934: Estas condições necessitam de um desenvolvimento profundo. O modo como um sistema social se reproduz estruturalmente nos homens só pode ser captado concretamente, teoricamente e praticamente, se se puser a claro o modo como as instituições, as ideologias, as formas de vida social, etc., modelam o aparelho pulsional. A estrutura do pensamento dos indivíduos da massa, que depende da estrutura pulsional, determina por sua vez a reprodução da ideologia social, a sua fixação psíquica, em suma, o efeito retroativo da ideologia sobre a estrutura socioeconômica da sociedade, a força da «tradição», etc. Este domínio é examinado a partir de processos históricos concretos em «A. irrupção da *moral sexual*» (*Der Einbruch du Sexualmoral*) e em «*Psicologia de massa do fascismo*» (*Massenpsychologie des Fachismes*).

2. A teoria do inconsciente e do recalçamento

Freud distinguiu três sistemas no aparelho psíquico. Em primeiro lugar, o *consciente*, que engloba a função de percepção do aparelho sensorial e o conjunto das representações e dos sentimentos conscientes. A seguir o *pré-consciente*, que engloba todas as representações e posições que, num dado momento, não se encontram na consciência mas que se podem tornar conscientes em qualquer momento. Estes dois sistemas eram bem conhecidos da psicologia pré-analítica. Aquilo que os cientistas não psicanalistas classificam de «inconsciente» (paraconsciente, subconsciente, etc.) faz ainda parte integral do sistema do pré-consciente de *Freud*. A verdadeira descoberta de *Freud* diz respeito ao terceiro sistema, o *inconsciente*, caracterizado pelo fato de os seus conteúdos *não poderem tornar-se conscientes*²⁹, existindo uma censura «pré-consciente» a barrar-lhes o acesso à consciência. Esta censura não tem nada de místico: ela retira ao mundo exterior um conjunto de interdições e de prescrições, que se tornaram elas próprias inconscientes.

29 Nota de 1934: Podemos ver até que ponto *Jurinetz* não compreendeu a psicanálise a partir da frase seguinte, extraída do seu escrito *Psicanálise e marxismo*: «Como poderemos falar do conteúdo do inconsciente se não estamos em condições de o analisar pelo fato de ele nunca passar o degrau da consciência?». Que espantosa ingenuidade! No entanto *Freud* descobriu o inconsciente precisamente graças ao seu método das associações livres, pela eliminação da censura. Toda a terapêutica analítica consiste precisamente em tornar consciente aquilo que anteriormente era inconsciente. Simplesmente, aquilo que é inconsciente não pode, em condições normais, tornar-se consciente.

O inconsciente não engloba apenas os desejos e representações interditos, incapazes de se tornarem conscientes, mas também (verosimilmente) representantes (*Repräsentanzen*) herdados, aos quais correspondem os símbolos. Mas o inconsciente modifica-se também com o tempo: a experiência clínica mostra com efeito que ele utiliza novos símbolos com o desenvolvimento da técnica; assim, no tempo dos zeplins, muitas mulheres sonhavam com estas naus aéreas como representação do órgão sexual masculino.

Tendo as pesquisas mostrado que o inconsciente contém muito mais do que o recalcado propriamente dito, *Freud* resolveu completar a sua teoria da estrutura do aparelho psíquico. Distinguiu então o *infra-eu*, o *eu* e o *super-eu*³⁰.

Por seu lado, o *infra-eu* não é algo de supra-sensível; exprime a participação do biológico na personalidade. Uma parte é constituída pelo inconsciente no sentido atrás definido, o recalcamento propriamente dito.

Que é então o *recalcamento*? É um processo que se desenrola entre o eu e as aspirações do *infra-eu*. Qualquer criança ao nascer traz consigo pulsões e adquire na sua tenra idade desejos que não pode satisfazer porque a grande sociedade e a pequena a família — não lho permitem (desejo incestuoso, analidade, exibicionismo, sadismo, etc.). A sociedade, na pessoa do educador, exige que a criança reprima as suas pulsões. A criança dotada de um eu fraco e obedecendo de preferência ao princípio do prazer, muitas vezes só o consegue banindo os desejos da sua consciência, ignorando-os voluntariamente. Através do recalcamento, os seus desejos tornam-se inconscientes. Outra forma — mais importante

30 N. T.: Em francês: ça, moi e surmoi; em português também se poderá traduzir por *infra-ego*, *ego super-ego*.

para as sociedades — de supressão dos desejos irrealizáveis é a *sublimação*, contrapartida do recalçamento: em vez de ser recalçada, a pulsão é apenas desviada para uma atividade possível do ponto de vista social³¹.

Vemos portanto que a psicanálise não pode conceber a criança sem a sociedade; a criança só existe por si como ser socializado. A sociedade exerce sobre as pulsões primitivas uma ação contínua: limitadora, modificadora, aceleradora. As duas pulsões fundamentais comportam-se entretanto de forma diferente. A fome é mais rígida, mais implacável, exige uma satisfação imediata de forma mais imperiosa do que a pulsão sexual; nunca pode ser recalçada como esta última. A pulsão sexual é modificável, plástica, sublimável; as suas tendências parciais são transformáveis nos seus contrários, mas não podem no entanto renunciar a toda a satisfação. A energia associada às atividades sociais, incluindo as que satisfazem a pulsão de nutrição, provém da libido. A partir do momento em que cai sob a influência da sociedade, ela torna-se o motor do desenvolvimento psíquico.

O motor do recalçamento é a pulsão de auto-conservação. Esta domina a pulsão sexual; do conflito entre elas resulta o desenvolvimento psíquico. Abstraindo do seu mecanismo e dos seus efeitos, o recalçamento é um problema social, porque os seus conteúdos e as suas formas dependem da existência social do indivíduo. Esta é

31 Nota de 1934: *Freud* nunca substituiu, como pretende *Jurinetz*, a teoria do recalçamento pela da «condenação». *Jurinetz* não compreendeu o que *Freud* quis dizer ao afirmar que uma pulsão que se tornou consciente pela análise pode ser condenada pelo eu. Condenação e recalçamento são contrários. Não é pois exacto dizer, como *Jurinetz*, «que os freudianos têm vindo a destruir a sua teoria do inconsciente». Este ponto de vista de *Jurinetz* tem a sua origem na confusão que provocou nele a nova teoria do infra-eu, do eu e do super-eu. Esta não é a negação do inconsciente; engloba-o.

ideologicamente concentrada numa série de fórmulas, de prescrições e de interdições, no super-eu. Grande parte delas são entretanto inconscientes.

A psicanálise remete toda a ética humana para as influências da educação e recusa-se assim a admitir um caráter metafísico próprio à moral, algo como por exemplo a noção moral de Kant. Analisa a moral numa perspectiva materialista, referenciando-a nas experiências vividas e na pulsão de auto-conservação, assim como no temor da punição. Na criança, a moral surge quer por medo da punição quer por amor aos educadores. Quando finalmente Freud fala de uma «moral inconsciente» e do «sentimento inconsciente de culpabilidade», ele quer apenas dizer que juntamente com os desejos interditos são também recalçados alguns elementos do sentimento de culpabilidade; é por exemplo o que se passa com a proibição do incesto. *Jurinetz* mostra que não compreendeu nada da noção de sentimento inconsciente de culpabilidade quando pensa que com ele se admite, de forma indireta, uma essência moral original do eu, uma espécie de pecado metafísico. Apesar da psicanálise que aplicam, e por necessidades que se desconhecem, alguns analistas podem acreditar na moral e na divindade originais do homem. Mas não deduzem esta fé da psicanálise. Muito pelo contrário, a psicanálise destrói radicalmente e cientificamente esta crença, negando à filosofia o direito de discutir moral. Deixemos cada analista resolver à sua maneira o conflito entre a sua crença numa moral metafísica e em Deus, e as suas convicções psicanalíticas. É legítimo inquietarmo-nos com a psicanálise a partir do momento em que ela começa a conciliar-se com as especulações metafísicas³². A teoria do sentimento inconsciente de culpabilidade não

32 Nota de 1934: A inquietação que aqui se exprimia revelou-se entretanto legítima. Atualmente o conjunto do movimento psicanalítico entrou numa grave crise, finalmente sob a influência da reação política que desde então se desenvolveu; esta crise pode caracterizar-se como sendo a expressão da contradição entre os pontos de vista revolucionários da teoria sexual psicanalítica e a concepção do mundo Mien, religiosa,

deita portanto por terra a teoria do inconsciente, como lamenta *Jurinetz*, dado que, muito pelo contrário, remete a aquisição da moral para bases materiais.

Mostramos até agora que o infra-eu, assim como o super-eu, estavam longe de ser construções metafísicas, e que o seu conteúdo estava diretamente ligado a necessidades ou a aquisições reais provenientes do mundo exterior. Não consigo compreender onde é que *Jurinetz* vai buscar a crítica segundo a qual «tal como em *Schopenhauer...* também em *Freud* o mundo é uma produção do «eu», tendo por objetivo regulamentar as nossas pulsões»³³. É precisamente o contrário que é apresentado por *Freud* em numerosas passagens, que aliás também são citadas por *Jurinetz*: a saber que o eu é o resultado dos efeitos do mundo exterior real sobre o organismo pulsional, que ele surge como que um apara-excitações. Mesmo em «Para além do princípio do prazer», que *Jurinetz* toma por base principal da sua crítica, obra de cujo caráter especulativo o próprio *Freud* tem consciência, mesmo aí, não se põe o problema de uma criação do mundo real pelo eu. *Jurinetz* agarra-se ao conceito de projeção que não se encontra nessa obra discutido de forma aprofundada; poderia ter ido procurar mais clareza sobre este assunto nos trabalhos clínicos de *Freud*. O eu *crê* que as representações que ele encerra em si, recalçadas, e de que sente a pressão, estão no mundo exterior. A projeção é isto e nada mais. É precisamente com a ajuda desta teoria materialista que *Freud* pôde esclarecer as alucinações dos doentes mentais. As vozes que ouvem não são, com efeito, mais do que remorsos

burguesa de um grande número de analistas dirigentes. Os núcleos de luta teórica entre a orientação científica marxista e a orientação ideológica burguesa da psicanálise, são essencialmente os problemas da origem do recalçamento sexual, do papel da vida sexual genital para a saúde psíquica, da existência de uma pulsão autodestrutiva biologicamente dada, assim como problemas da técnica terapêutica.

33 Ibidem.

morais ou desejos inconscientes, mas não têm realidade no mundo exterior.

É certo que a obra de *Freud* «*Para além do princípio do prazer*» era susceptível de fazer surgir concepções errôneas em psicanálise. No entanto, o seu próprio autor criticou este trabalho, quer oralmente quer por escrito, especificando que não se situava no domínio da psicanálise clínica. Se apesar disso ele constitui ponto de partida de especulações completamente inconscientes ligadas à hipótese da pulsão de morte, isso significa apenas que a teoria da libido é demasiado incômoda para a ideologia burguesa e que esta a troca de boa vontade por uma hipótese menos perigosa.

A natureza material do eu não pode ser posta em dúvida dado que está ligada ao sistema de percepção dos órgãos sensoriais. Além disso, e como já dissemos, o eu, para *Freud*, deriva da influência das excitações materiais sobre o aparelho das pulsões. Para ele, o eu é apenas uma parte do infra-eu, diferenciada de uma forma particular, um tampão, uma espécie de órgão de proteção entre o infra-eu e o mundo real. No seu comportamento o eu não é livre; depende do infra-eu e do super-eu, isto é, do biológico e do social. A psicanálise contesta pois o livre-arbítrio e a sua concepção quadra perfeitamente com a de *Engels*: «O livre-arbítrio não é mais do que a aptidão para poder decidir com conhecimento de causa». A correspondência é tão perfeita que se exprime até na concepção fundamental da terapêutica analítica das neuroses: ao tomar conhecimento daquilo que em si está recalcado, remetendo para a consciência o seu inconsciente, o doente adquire a possibilidade de se decidir «com melhor conhecimento de causa» do que nas condições em que estas tendências essenciais permaneciam inconscientes. Naturalmente, este não é ainda o livre-arbítrio no sentido em que o entendem os metafísicos; ele é sempre limitado pelas exigências das necessidades naturais. Quando os desejos sexuais, por exemplo, se tornam

conscientes, o doente não pode decidir-se a recalculá-los de novo; é-lhe também impossível resolver-se pela contingência durável. Mas pode propor-se viver continente durante um certo tempo. Após uma análise conseguida, o eu não abalou a ligação que o subordina ao infra-eu e à sociedade; aprendeu apenas a melhor resolver os conflitos.

Das condições que presidem à sua aparição, resulta que o eu (em parte) e o super-eu (inteiramente) englobam, no seu conteúdo concreto, questões que dizem respeito à vida social. As prescrições religiosas e éticas variam com a ordem social. Na época de Platão, o super-eu feminino é essencialmente diferente daquilo que é na sociedade capitalista, e os conteúdos do super-eu modificam-se naturalmente na medida em que, numa dada sociedade, se prepara ideologicamente a sociedade seguinte. Este processo vale para a moral sexual como vale para a ideologia da sacrossanta propriedade dos meios de produção. Aliás varia também com a posição do indivíduo no processo de produção.

Mas como é que a ideologia social age sobre o indivíduo? A sociologia marxista afastou este problema por não *ser* do seu domínio; pelo contrário, a psicanálise pode responder-lhe: a família, completamente imbuída pelas ideologias da sociedade, essa família que constitui a célula ideológica da sociedade, representa provisoriamente para a criança, a própria sociedade, antes mesmo que ela tenha entrado no processo de produção propriamente dito. A situação edípica comporta apenas posições pulsionais; o modo como a criança reage ao complexo de Édipo e o supera, é com efeito condicionado indiretamente quer pela ideologia social geral, quer pelo lugar que os pais ocupam no processo de produção; por isso, os destinos do complexo de Édipo, como tudo o resto, dependem em última análise da estrutura econômica da sociedade. Mas mais ainda: o próprio fato de poder surgir um complexo de Édipo é imputável à estrutura particular da família, determinada pela sociedade. No próximo capítulo teremos mais elementos para estudar a

natureza histórica não só das formas, mas também da existência do complexo de Édipo.

A DIALÉTICA DO PSIQUISMO

Passemos agora a um novo problema: os conhecimentos materialistas da análise terão também revelado a dialética dos processos psíquicos? Antes de responder, lembremos os princípios essenciais do método dialético, tal como foi elaborado por *Max* e *Engels* e continuado pelos seus discípulos.

A dialética materialista de *Marx* surgiu em oposição à dialética idealista de *Hegel*, verdadeiro fundador do método dialético. *Hegel* considerava a dialética dos conceitos como o fator primordial do desenvolvimento histórico e considerava o mundo real como simples reflexo das idéias ou conceitos que se desenvolvem dialeticamente. *Marx* inverteu num sentido materialista esta concepção do mundo; para retomar as suas próprias palavras, pôs no seu verdadeiro lugar todo o edifício hegeliano ao reconhecer no fenômeno material o fator primordial ao qual estão subordinadas as idéias. Mas buscando em *Hegel* a concepção dialética do devir, aniquilou simultaneamente o idealismo metafísico de *Hegel* e o materialismo mecanicista do século XVIII. Os princípios essenciais do materialismo dialético são os seguintes:

1. *A dialética não é apenas uma forma do pensamento; existe na matéria independentemente do pensamento; por outras palavras, o movimento da matéria é objetivamente dialético.* O dialético materialista não coloca na matéria aquilo que só existe no seu cérebro; mas, com a ajuda dos seus sentidos e do seu pensamento — também este submetido às leis da dialética — ele abarca diretamente o devir material da realidade objetiva. É evidente que este ponto de vista está nos antípodas do

idealismo Kantiano³⁴.

2. *O desenvolvimento, não só da sociedade, mas também de todos os outros fenômenos, incluindo os fenômenos naturais, não resulta, como afirmam todos os metafísicos, idealistas ou materialistas, de um «princípio do desenvolvimento» ou de uma «tendência para o desenvolvimento inerente a todas as coisas»; este desenvolvimento resulta de uma contradição interna, de contradições contidas na matéria, de um conflito entre estas contradições; conflito que não pode ser resolvido no atual modo de existência da matéria, de forma que as contradições o destroem para criar outro, no qual novas contradições surgem e assim por diante.*

3. *Objetivamente, aquilo que engendra o desenvolvimento dialético não é bom nem mau, mas sim necessário. No entanto, aquilo que começou por favorecer o desenvolvimento pode acabar por paralisá-lo.* Assim, o modo de produção capitalista que deu inicialmente um forte impulso ao desenvolvimento das forças produtivas técnicas, pode mais tarde tornar-se, pelo jogo das contradições imanentes, um entrave a este desenvolvimento. O modo de produção socialista liberta este entrave.

69

4. *O desenvolvimento dialético, resultante de contradições, faz com que nada seja durável; tudo o que nasce traz em si o germe da sua desaparecimento.* Como Marx mostrou, uma classe que pretende consolidar o seu domínio não pode aceitar a concepção dialética sob pena de se condenar ela própria à morte. No processo do seu desenvolvimento, a burguesia capitalista deu origem a uma classe, o proletariado, cujas condições de existência implicam o desaparecimento do capitalismo. É por isso que só a classe proletária pode reconhecer praticamente e

34 Sobre este assunto ver Lenine: Materialismo e Empirocriticismo.

integralmente a dialética, ao passo que a burguesia deve necessariamente afogar-se no idealismo absoluto.

5. *Todo o desenvolvimento é a expressão e a conseqüência de uma dupla negação: negação da negação.* Busquemos uma vez mais um exemplo na evolução social. A produção de mercadorias foi a negação do comunismo primitivo no qual só eram produzidos valores de uso. A ordem econômica socialista é a negação da primeira negação; nega a produção de mercadorias e conduz, como uma espiral, a uma etapa superior, à afirmação daquilo que primeiro foi negado, à produção de valores de uso, ao comunismo³⁵.

35 Nota de 1934: Isto também é válido, como constatamos, para o desenvolvimento das formas sexuais e da ideologia sexual. Na sociedade primitiva, cuja economia é a do comunismo primitivo, a vida sexual é afirmada, assumida. Paralelamente ao desenvolvimento para a economia mercantil e privada, a afirmação da sexualidade transforma-se em negação da sexualidade, tanto na sociedade como na estrutura humana. De acordo com a lei dialética do desenvolvimento, é preciso admitir necessariamente a hipótese de que num estágio mais avançado a negação da sexualidade se transformará por sua vez em afirmação social e estrutural da sexualidade. Atualmente encontramos-nos não só no seio da contradição entre a tendência para a supressão da economia mercantil e a da sua manutenção, mas também num conflito, que se acentua cada vez mais, entre a tendência social para o aumento da repressão sexual e a tendência oposta para o restabelecimento da economia sexual natural em vez da regulamentação moral e da repressão. Na União Soviética, os primeiros anos viram manifestar-se claramente as duas tendências progressivas. No domínio sexual elas desapareceram de novo, seguindo-se uma regressão cujas razões e natureza exigem uma análise. Ver «A irrupção da moral sexual». A teoria da economia sexual social pode ser concebida como conhecimento subjetivo, como tomada de consciência teórica desta contradição social. Esta não só permaneceu ignorada pela corrente que atualmente dirige o movimento proletário, como a sua descoberta provocou até, em vastos círculos dessa corrente, uma resistência muito forte. Ver *aA história da Sex-Pol*», Z. f. p. P. u. S. a partir dos n.º 3-4.

6. *As contradições não são absolutas mas interpenetram-se mutuamente.* A determinada altura a quantidade transforma-se em qualidade. Toda a causa de um determinado efeito é ao mesmo tempo efeito deste último que age como causa. Não existe apenas ação recíproca de fenômenos nitidamente separados, mas interpenetração destes fenômenos, ação e reação de um sobre o outro. Além disso, em determinadas condições, um elemento pode transformar-se no seu contrário³⁶.

7. *O desenvolvimento dialético é progressivo, mas em certos momentos progride por saltos.* A água progressivamente arrefecida não se transforma lentamente em gelo. No entanto, isto não quer dizer que esta alteração tenha surgido bruscamente do nada; com efeito, ela foi-se desenvolvendo pouco a pouco, dialeticamente, até ao salto. E eis como a

36 Nota de 1934: Este processo pode ser captado de forma quase palpável, precisamente no movimento de massas fascistas. A revolta anticapitalista da massa do povo alemão, revolta esta que está em nítida contradição com a função objetiva do fascismo, mistura-se com esta última e durante um tempo transformou-se no seu contrário, em consolidação do domínio do capital alemão.

Mencionaremos só um problema que deverá ser tratado noutra altura de forma aprofundada. A essência da política marxista consiste em prever as tendências possíveis de desenvolvimento e em favorecer os processos que conduzem à revolução social. A direção do *Komintern*, a quem foram confiados os destinos da revolução mundial, degenerou teoricamente para o economismo e o mecanicismo e por isso andou constantemente a reboque. Ela não pôde prever, não viu, por exemplo, as tendências revolucionárias dentro do movimento de massa fascista, e conseqüentemente não conduziu a nada. No fascismo encontravam-se e encontram-se provisoriamente reunidas as tendências revolucionárias e reacionárias. No massacre dos chefes SA, em 30 de Junho de 1934, as contradições estão de novo à vista; o futuro dirá se é de forma definitiva. Tudo isto teria podido ser previsto como possível. Para se aprender só há uma via a seguir, se se consegue ver a tempo as contradições internas em cada fenômeno social essencial, é possível então fazer previsões sobre as possibilidades de desenvolvimento. A este respeito ver «*Psicologia de massa do fascismo*» onde se encontra uma tentativa de análise das contradições ideológicas do fascismo.

dialética resolve assim, sem a suprimir, a contradição evolução-revolução. A transformação da ordem social é, em primeiro lugar, preparada pela evolução (socialização do trabalho, pauperização da maioria, etc.) e depois realizada pela revolução.

Tentemos agora, estudando alguns fenômenos típicos da vida psíquica humana revelados pela análise, pôr em evidência a sua dialética que, segundo penso, não teria podido surgir sem o método psicanalítico.

Tomemos primeiramente como exemplo o desenvolvimento dialético da formação do sintoma da neurose, descrita pela primeira vez por *Freud*. Segundo *Freud*, o sintoma neurótico nasce pelo fato de que o eu, socialmente subjugado (*gebunden*), se defende em primeiro lugar de urna moção pulsional (*Triebregung*) e depois recalca-a. Mas o recalçamento de uma moção pulsional não constitui por si só um sistema; para isso é preciso que a pulsão recalçada rompa novamente o recalçamento e reapareça sob a forma disfarçada, como sintoma. Segundo *Freud*, o sintoma contém simultaneamente a moção pulsional contra a qual o sujeito se defende e a própria defesa: o sintoma dá conta das duas tendências opostas. Em que reside então a dialética do modo de formação do sintoma? O eu do indivíduo está submetido à pressão de um «conflito psíquico». A situação contraditória, constituída pela exigência pulsional por um lado e pela realidade que recusa ou sanciona a satisfação por outro, exige uma solução. O eu é demasiado fraco para desafiar a realidade, demasiado fraco também para dominar a pulsão. Esta fraqueza do eu, ela própria consequência de uma fase, é portanto o quadro no qual o conflito se desenrola; este é resolvido da seguinte maneira: obedecendo às exigências sociais, para não ser aniquilado ou punido, isto é, por instinto de conservação, o eu *recalca a pulsão*³⁷. O

37 Nota de 1934: A escola psicanalítica inglesa ignorou o fato de esta fraqueza do eu ser uma expressão artificial proveniente da inibição pulsional. Se não existisse conflito entre o

recalcamento é pois conseqüência de uma contradição insolúvel no estado de consciência. Tornada a pulsão inconsciente, o conflito encontrou uma solução, patológica é certo. *Segunda fase*: depois do recalcamento do desejo, simultaneamente negado e afirmado pelo eu, o próprio eu encontra-se modificado: a sua consciência é empobrecida num elemento (a pulsão) e enriquecida com outro (tranqüilidade passageira). Mas a pulsão no estado recalcado não pode renunciar, tal como no estado consciente, à sua satisfação; recalcada, ela pode-o ainda menos, dado que não está submetida ao controlo da consciência. *O próprio recalcamento apresenta a sua própria destruição: com efeito, ele deu origem a uma forte estase de energia pulsional que acaba por se libertar destruindo o recalcamento*. Este novo processo é o resultado da contradição entre o recalcamento e a estase pulsional, tal como o próprio recalcamento era conseqüência da contradição entre o desejo pulsional e a recusa do mundo exterior (sob a condição: fraqueza do eu). Não existe portanto uma «tendência» para a formação do sintoma; como veremos, o desenvolvimento resulta das contradições do conflito psíquico. Ao mesmo tempo que o recalcamento, temos a condição que torna possível a sua rotura: a acumulação de energia resultante da pulsão não satisfeita. A rotura do recalcamento na segunda fase conduzir-nos-á ao estado primitivo? Sim e não. Sim, no sentido em que a pulsão domina novamente o eu; não, no sentido em que ele se encontra na consciência sob uma forma *modificada, disfarçada*, sob a forma de *sintoma*. Este contém o elemento antigo, a pulsão, ao mesmo tempo que o seu contrário, a censura do eu. Na terceira fase (sintoma), os elementos antagônicos iniciais estão portanto reunidos num só fenómeno. Este é a negação

eu e a exigência Sexual, se o eu pudesse obter uma satisfação que sempre correspondesse ao estágio de desenvolvimento, o eu não temeria a pulsão. Ora, esta fraqueza assim produzida é considerada por estes psicanalistas e por muitos outros, como tendo um fundamento biológico. E, conseqüentemente, o recalcamento sexual deverá ser uma necessidade biológica.

(rotura) da negação (recalcamento). Detenhamo-nos um instante para ilustrar com um exemplo concreto a experiência psicanalítica.

Tomemos o caso de uma mulher casada apavorada com bandidos imaginários que poderiam esfaqueá-la. Não pode estar sozinha numa divisão da casa e vê, escondido em cada canto, um temível criminoso. A análise desta mulher de trabalhador revela o seguinte:

Primeira fase: conflito psíquico e recalcamento — antes do casamento esta mulher conheceu um homem que a perseguia com propostas às quais teria voluntariamente cedido se não tivesse sido moralmente inibida. Pôde resolver este conflito consolando-se com a perspectiva do casamento. Mas o homem afastou-se dela; ela casou com outro sem poder esquecer o primeiro, cuja imagem não deixava de atormentar. Depois de o ter encontrado de novo, ficou novamente a braços com um grave conflito entre o seu desejo e o seu respeito pela fidelidade conjugal. Nestas condições, o conflito era insuportável e insolúvel, sendo os seus desejos tão fortes como os seus princípios morais. Começou por evitar o homem (censura), depois pareceu acabar por esquecê-lo. Na realidade, não se tratava de um verdadeiro esquecimento, mas de um recalcamento. Ela pensou estar curada e, pelo menos conscientemente, não pensou mais nele.

Segunda fase: rotura do recalcamento — Algum tempo depois, teve uma violenta discussão com o marido porque este andava com outra mulher. Como mais tarde se descobriu, durante esta discussão formulou o seguinte raciocínio: «Se tens esse direito, bem parva seria eu se também não fizesse uso dele»; sob os seus olhos desenrolou-se, então, a imagem do primeiro homem amado. Mas a idéia era demasiado perigosa; não iria ela provocar o ressurgimento de todo o antigo conflito? E desde então esta idéia deixou de a preocupar ao nível consciente: recalcou-a novamente. Mas ao longo da noite seguinte surge um estado de angústia;

bruscamente, teve a impressão de que um estranho se aproximava da sua cama para a violar. A pulsão tinha voltado à consciência sob uma forma disfarçada, sob o aspecto do seu direto contrário; o estranho já não é desejado, mas temido. Este disfarce (terceira fase) era a base da formação do sintoma. Se analisarmos agora o próprio sintoma, na representação fantasmática em que um homem se dirige durante a noite para a cama da mulher, nós vemos a realização de um desejo recalcado, o desejo de cometer o adultério. (A análise atenta revela que, sem o saber, ela havia representado a imagem do seu primeiro amor; a estatura, a cor dos cabelos, etc., eram idênticas). Mas o sintoma em questão contém também a censura, a angústia da pulsão que surge como angústia do homem. Mais tarde, o elemento «ser violada» foi substituído na angústia por «ser assassinada», correspondendo portanto a um novo disfarce do conteúdo do sintoma, até então demasiado transparente.

Este exemplo mostra-nos não só a fusão num só fenômeno de duas contradições primitivamente separadas, mas ainda a transformação de um fenômeno no seu contrário, do desejo em angústia. Esta transformação da energia sexual em angústia, uma das primeiras e mais importantes descobertas de *Freud*, mostra que, em determinadas condições, a mesma energia produz um resultado exatamente oposto àquele que produziria noutras condições.

No nosso exemplo está também expresso um outro princípio de experiência dialética. O novo (o sintoma) contém também o antigo (a libido) ; no entanto, o antigo já não é igual a si próprio: transformou-se simultaneamente em algo de completamente novo, isto é, em angústia. Mas a contradição dialética entre a libido e a angústia resolve-se também de outra maneira, a partir da contradição entre o eu e o mundo exterior³⁸.

38 Nota de 1934: A contradição entre esta concepção, que atualmente podemos chamar econômica sexual, do dualismo pulsional e a de Freud formulou-se. a atribuir a Freud

Antes de abordar este assunto, citemos alguns exemplos para ilustrar ainda melhor a dialética do psiquismo. Tomemos a passagem da quantidade à qualidade: o recalçamento ou a simples repressão de uma moção pulsional é, até certo ponto, agradável para o eu, porque suprime um conflito; mas a partir de um determinado grau, o prazer transforma-se em desprazer. A excitação ligeira de uma zona erógena, incapaz de dar lugar à satisfação final, é agradável; mas se a excitação se prolonga, o prazer transforma-se em desprazer.

A tensão e o relaxamento constituem fenômenos dialéticos. Nada o põe melhor em evidência do que a pulsão sexual. A tensão de uma excitação sexual aumenta o desejo, mas a satisfação adquirida ao longo da própria excitação, suprime esta tensão, que ao mesmo tempo é um relaxamento. A tensão prepara também o relaxamento próprio, tal como a tensão mecânica de uma mola de relógio prepara a sua distensão. Inversamente, o relaxamento produz-se no máximo de tensão — por exemplo no ato sexual ou, no caso de uma peça de teatro arrebatadora, a tensão que descontrai — ao mesmo tempo que constitui também o ponto de partida para uma nova tensão.

concepções que ele próprio rejeita. Sendo a economia sexual, entre outras coisas, a continuação mais conseqüente da ciência psicanalítica, é natural que muitas das suas concepções fundamentais se encontrem nela prefiguradas, mencionadas alusivamente ou preparadas de uma maneira latente. É nisto que consiste a dificuldade em separar as duas disciplinas. No entanto, basta um simples olhar sobre os textos para constatar a incompatibilidade entre a teoria sexual e pulsional da economia sexual e a da psicanálise atual. E em oposição a alguns adeptos, cuja boa fé não está em causa, das duas teorias, eu preferiria evitar unir aquilo que não pode ser unido. No último capítulo de «Análise do caráter» e em «A contradição originária da vida vegetativa», encontrar-se-ão os primeiros elementos da teoria pulsional da economia sexual.

O princípio da identidade dos contrários surge nos fenômenos de libido narcísica e de libido do objeto. Segundo *Freud* o amor-de-si-próprio e o amor do objeto não são contrários; o amor do objeto provém da libido narcísica e pode em qualquer momento voltar ao seu ponto de partida; mas na medida em que ambos representam tendências amorosas, eles são idênticos; em suma, têm uma origem comum, o aparelho sexual somático e o «narcisismo primário». Tomemos agora as noções de «consciente» e de «inconsciente». São contrários; mas a neurose obsessiva prova que podem ser simultaneamente contrários e idênticos. Os indivíduos atacados de neurose obsessiva recalcam representações da sua consciência da seguinte maneira: limitam-se a desviar delas a sua atenção, a retirar-lhes o seu investimento de afeto; a representação «recalcada» é a todo o instante consciente e, no entanto, inconsciente, quer dizer, o doente pode produzi-la mas ignora-se a significação. As noções de eu e de infra-eu exprimem também contrários semelhantes; o eu é apenas uma fração particular diferenciada do infra-eu; mas, ao mesmo tempo, sob a influência do mundo exterior, torna-se o seu adversário, a antagonista funcional.

O conceito de identificação corresponde não só a um fenômeno dialético, mas também a uma identidade de contrários. Para *Freud*, a identificação consiste em o sujeito «se apropriar» do seu educador (ou «identificar-se» com ele) ; este educador é simultaneamente amado e odiado, e o sujeito faz seus os princípios e as qualidades daquele. Geralmente, a relação de objeto desaparece nesta altura. A identificação põe termo ao estado de relação objetal; por conseguinte é o seu contrário, a sua negação; no entanto mantém esta relação de objeto sob uma outra forma e constitui, portanto, também uma afirmação. Na base desta situação encontramos o seguinte conflito: «Gosto de X; como educador ele proíbe-me muitas coisas e por isso odeio-o e quereria destruí-lo, suprimi-lo; mas ao mesmo tempo gosto dele e é por isso que também quereria conservá-lo». Esta situação contraditória, que não

poderia manter-se assim a partir do momento em que as moções antagônicas atingissem uma certa intensidade, pode resolver-se da seguinte maneira: «Absorvo-o, identifico-me com ele, destruo-o (isto é, destruo as minhas relações com ele) no mundo exterior, mas conservo-o em mim, modificado; destruí-o e ao mesmo tempo conservei-o».

Na noção psicanalítica de ambivalência, e do sim e do não concomitantes, encontramos também uma série de fenômenos dialéticos dos quais apenas sublinharemos o mais saliente, a transformação do amor em ódio e inversamente. Na realidade, ódio pode significar amor e vice-versa. As duas noções são idênticas na medida em que ambas permitem relações intensas com outrem. A transformação no seu contrário é uma propriedade que *Freud* atribui às pulsões em geral. No entanto, nesta transformação, o antigo não desaparece: permanece integralmente conservado no seu contrário.

Identicamente, os contrários perversão e neurose resolvem-se dialeticamente no sentido em que toda a neurose é uma perversão negada (*negiert*) e inversamente.

O recalçamento sexual secular dá-nos um ótimo exemplo de desenvolvimento dialético. Entre os primitivos existe um violento antagonismo entre o tabu do incesto em relação à irmã (e à mãe) e a liberdade sexual relativamente às outras mulheres. Mas a limitação sexual alarga-se cada vez mais, primeiro às primas, depois a todas as mulheres do mesmo clã, e depois, alargando-se cada vez mais, acaba por se transformar qualitativamente, dando lugar a uma nova atitude face à sexualidade em geral: é o que se passa na época do patriarcado e sobretudo na do cristianismo. Por sua vez, o forte recalçamento da sexualidade em geral engendra o seu contrário no fato de que hoje o tabu das relações infantis entre irmão e irmã está efetivamente destruído. Devido ao recalçamento sexual que se manifesta por toda a parte, os

adultos já não sabem nada da sexualidade infantil, de forma que atualmente os jogos sexuais entre irmãos e irmãs já não são considerados como sexuais, e são admitidos nas famílias mais «distintas» como coisas naturais. O primitivo nem sequer tem direito de olhar a irmã; quanto ao resto, ele é completamente livre do ponto de vista sexual; o civilizado, use descarrega sobre a irmã a sua sexualidade infantil; quanto ao resto, é entravado por severos princípios morais³⁹.

Vemos agora em que medida a psicanálise também revelou a dialética do psiquismo no que respeita ao desenvolvimento geral do indivíduo na sociedade. Temos duas questões' essenciais a considerar.

Em primeiro lugar, poderá a dialética dos fenômenos psíquicos remeter-se à contradição originária (novamente solúvel) entre o eu (pulsão) e o mundo exterior? E em seguida, como é que a concepção racional e a concepção Irracional dos fenômenos individuais se contradizem mutuamente, e passam, todavia, de uma para a outra?

Já expusemos no primeiro capítulo a concepção da psicanálise freudiana segundo a qual, psiquicamente, o indivíduo vem ao mundo como um conjunto de necessidades e de pulsões correspondentes a estas necessidades. Ser social, ele insere-se imediatamente com as suas necessidades na sociedade, não só na sociedade restrita da família, mas, indiretamente, por intermédio das condições econômicas de existência

39 Nota de 1934: Este parágrafo precisa de ser corrigido: quando o redigi, estava influenciado pela teoria burguesa segundo a qual a unidade sexual da sociedade primitiva seria a família patriarcal; ela correspondia à teoria de *Freud* em «*Totem e Tabu*». O conhecimento dos processos de desenvolvimento determinantes que transformam o direito matriarcal em direito patriarcal obrigava a reconhecer que não só a irmã de sangue como também todas as filhas do menino clã eram em conjunto objeto do tabu. Sobre a contradição entre família e clã, ver os meus desenvolvimentos em (*A irrupção da moral sexual*).

familiar, na sociedade no sentido lato do termo. Reduzida à sua expressão mais simples, a estrutura econômica da sociedade — graças a numerosos elos intermediários: posição de classe dos pais, condições econômicas da família, ideologia, relações dos pais entre si, etc., — entra numa relação de efeito recíproco com o eu-pulsão do recém-nascido. Se esta relação modifica o meio que o rodeia, este meio modificado reage por sua vez sobre ela. A harmonia reina na medida em que as necessidades estão parcialmente satisfeitas. Mas, na maior parte dos casos, surge uma contradição entre as necessidades pulsionais e a ordem social da qual a família (e mais tarde a escola) é, como dissemos, a representante. Esta contradição conduz a um conflito, ponto de origem de modificações; e como o indivíduo é o mais fraco dos adversários, estas modificações realizam-se na sua estrutura psíquica. Tais conflitos, resultantes de contradições que seriam insolúveis se a criança fosse dotada de uma estrutura imutável, surgem cada dia, até mesmo cada hora, e constituem o verdadeiro elemento motor. É certo que em psicanálise se fala de tendências ou disposições para o desenvolvimento, mas os fatos revelados até agora pelo desenvolvimento da primeira infância militam apenas em favor do desenvolvimento dialético atrás descrito, em favor do desenvolvimento por contradições, de etapa em etapa. No desenvolvimento da libido distinguem-se várias fases; diz-se que a libido «atravessa» estas fases de desenvolvimento, mas a observação mostra que, sem frustração da, satisfação pulsional, nenhuma fase poderia de fato suceder à precedente. Assim, a frustração da satisfação pulsional torna-se, devido ao conflito que provoca na criança, o motor do seu desenvolvimento. Deixamos de lado o aspecto deste desenvolvimento determinado pela hereditariedade (aspecto difícil de representar como tal), por exemplo a disposição das zonas erógenas e do aparelho de percepção. Este aspecto constitui um domínio ainda obscuro das investigações biológicas. Não se põe aqui o problema da natureza da sua dialética. Embora tendo-a em conta, contentamo-nos com a fórmula de

Freud segundo a qual a disposição pulsional tem, no desenvolvimento, uma contribuição idêntica à da experiência vivida⁴⁰.

Ao lado das satisfações, as frustrações pulsionais desempenham um papel de primeiro plano como fator de desenvolvimento. A contradição entre o eu-pulsão e o mundo exterior acaba por tornar-se uma contradição interna: precisamente sob a influência do mundo exterior, começa a desenvolver-se no aparelho psíquico um órgão de inibição, o ouper-eu. O que primitivamente era temor da punição transforma-se em entrave moral. O conflito entre a pulsão e o mundo exterior torna-se conflito entre o eu-pulsão e o super-eu, Não esquecemos no entanto que ambos alto de natureza material, sendo o primeiro alimentado organicamente, e o segundo, em última análise, edificado no eu, respondendo ao Instinto de auto-conservação. A pulsão de auto-conservação (narcisismo) limita a pulsão sexual e a agressividade. Assim, duas necessidades fundamentais que, primitivamente, — no bebé e também mais tarde em muitas situações — constituíam uma só, entram em oposição e, de conflito em conflito, estimulam o desenvolvimento, e

40 Nota de 1934: Esta formulação tem também necessidade de ser profundamente corrigida. A economia sexual substitui a concepção da natureza absoluta da disposição pulsional por uma outra em que, em primeiro lugar, a disposição só poderia ser determinada nas diferenças da produção de energia fisiológico-biológica e, em segundo lugar, as diferenças só se manifestam como «disposição hereditária» quando o desenvolvimento cria as condições neste sentido. O que significa que a mesma coisa que num caso se impõe como «disposição» para a neurose, noutro caso não se manifesta como tal. As lacunas no nosso conhecimento concreto destes processos determinam também a imprecisão das fórmulas teóricas. Enruntrar-se-á uma primeira tentativa de apresentação em «*A irrupção da moral sexual*». *E natural* que a futura ciência materialista-dialética não vá buscar muitas coisas à atual ciência da hereditariedade que é um dos mais importantes auxiliares da concepção burguesa da cultura no seu conjunto. Ela baseia-se essencialmente em juízos de valor morais e são raros os elementos científicos que patenteia, Nos nossos dias, culminou com *Hitler* na sua «teoria» megalômana das raças.

isto não na altura da pressão social mas precisamente por causa dela⁴¹. Se os conflitos interiores e exteriores determinam, de uma maneira geral, o desenvolvimento, a existência social enche com as suas representações e conteúdos atuais quer os objetivos pulsionais, quer os entraves morais. A psicanálise pode portanto confirmar inteiramente a tese de *Marx* segundo a qual é a existência social que determina a «consciência», isto é as representações, objetivos e pulsões, ideologias morais, etc., e não o contrário. Dá a esta tese um conteúdo concreto no que respeita ao desenvolvimento infantil. O que entretanto não exclui que a intensidade das necessidades (condicionada somaticamente), assim como as diferenças qualitativas no desenvolvimento, sejam determinadas pelo aparelho pulsional. Não existe aqui «desvio idealista» — crítica que me foi dirigida por muitos marxistas — mas concordância completa com a tese de *Marx* segundo a qual os homens fazem a sua própria história, mas apenas em condições determinadas e com determinados pressupostos iniciais, de natureza social⁴². Numa carta, *Engels*, protesta contra esta

41 Nota de 1934: aqui que se põe o problema de saber como é que as contradições internas, que produzem o conflito psíquico interno, derivam do conflito primordial entre o eu e o mundo exterior, e como é que seguidamente elas se autonomizam. Este problema central da natureza da «lei de desenvolvimento dialético» só surgiu há pouco tempo quando começou a incidir o interesse no problema da formação do caráter; não estou apto a ajuizar em que medida este problema já havia sido concretamente apreendido por Hegel e por Marx; prefiro abordar sem pretensões este novo domínio da dialética do psiquismo, para dele deduzir esta lei; em Marx, o problema de saber como se chega à formação da contradição interna pareceu-me sem resposta. Mas pode acontecer que, na época em que estudava a filosofia de Marx, eu não me tenha debruçado sobre a concepção deste problema, e portanto me tenha passado despercebido.

42 Nota de 1934: Dado que o marxismo economista atual ataca em nome de Marx a economia sexual, vou citar um extrato que mostra bem em que medida Marx considerava as necessidades como base da produção e da sociedade; ao fazer isto, é evidente que tenho consciência de que atualmente, em matéria de discussões científicas, não são as constatações concretas mas sim a política do prestígio que

idéia segundo a qual a produção e a reprodução da vida real constituem o *único* fator determinante do desenvolvimento das ideologias. Constituem esse fator determinante, mas só em última instância⁴³.

Traduzida em sociologia, a tese fundamental de *Freud* — à da significação do complexo de Édipo para o desenvolvimento do indivíduo — significa apenas que a existência social determina este desenvolvimento. As disposições e as pulsões humanas, formas vazias prontas a receber conteúdos sociais, passam pelos determinismos (sociais) das relações com o pai, a mãe, os professores, e só então adquirem a sua forma e o seu conteúdo definitivos.

A dialética do desenvolvimento psíquico não surge apenas no fato de um conflito ser susceptível, segundo a relação de forças das contradições em presença, de dar lugar a resultados opostos, mas a

determina a decisão, e que as citações não tem a mínima utilidade. (Os Indivíduos sempre e em todas as circunstâncias apartiram de si-próprios», mas não eram únicos no sentido em que não podiam deixar de estabelecer relações entre si; pelo contrário, as suas *necessidades*, portanto a sua natureza e a maneira de as satisfazer, tornavam-nos dependentes uns dos outros (relações entre sexos, trocas, divisão do trabalho): era assim inevitável que se estabelecessem relações (*Verhaltmisse*) entre eles. Por outro lado, entravam em relação (*Verkehr*), não como individualidades puras, mas como indivíduos chegados a um determinado estágio de desenvolvimento das suas forças produtivas e das suas necessidades e estas trocas determinavam por sua vez a produção e as necessidades; assim, foi precisamente este comportamento (*Verhaltmisse*) individual, pessoal dos indivíduos, o seu comportamento recíproco enquanto indivíduos, que criou as relações (*Verhilltnisee*) existentes e continua a criá-las todos os dias. Entravam em relação (*Verkehr*) uns com os outros, sendo aquilo que eram, partiam (de si próprios» tal como eram, independentemente da sua «concepção da vida». Esta (concepção da vida», e até a concepção aberrante que é a dos filósofos, só podia, evidentemente, ser determinada pela sua vida real». (Ideologia Alemã., Editions Sociales, pág. 481).

43 «Se agora invertermos a questão apresentando o fator econômico como o único determinante, fazemos desta frase uma frase abstrata, absurda, que não significa nada» (Engela).

experiência clínica demonstra também que os traços de caráter podem, em determinados conflitos, transformar-se no seu direto contrário, já presente em forma embrionária na primeira solução do conflito. Uma criança cruel pode tornar-se um adulto de grande sensibilidade, mas uma análise penetrante revela a antiga crueldade na sua sensibilidade. Uma criança porca pode, quando for grande, ser um maníaco da limpeza; o curioso poder-se-á tornar o mais escrupuloso dos discretos. A sensibilidade transforma-se facilmente em ascetismo. Quanto mais uma propriedade se manifesta de maneira intensa, tanto mais facilmente ela se transforma no seu contrário, em determinadas circunstâncias (formação reacional).

Mas ao longo do desenvolvimento, o antigo não desaparece completamente ao transformar-se. Enquanto que uma parte da qualidade se transforma para dar lugar à qualidade contrária, a outra parte permanece intacta, sofrendo entretanto transformações morfológicas ao longo do tempo, devidas às alterações de toda a personalidade. A noção freudiana de *repetição* desempenha um importante papel na psicologia do desenvolvimento psíquico e surge a um exame profundo como perfeitamente dialética⁴⁴. No que foi reproduzido encontramos o que é antigo e o que é completamente novo, o antigo disfarçado numa nova aparência ou numa nova função. Já vimos isto no sintoma. Acontece o mesmo na sublimação. Consideremos uma criança que brincava freqüentemente com excrementos, que mais tarde gostava muito de

44 Nota de 1934: Verificou-se mais tarde que a teoria da compulsão de repetição para além do principio do prazer era uma hipótese que teria surgido especialmente com o objetivo de dessexualizar o processo psíquico. A sua refutação clínica pormenorizada encontra-se no capítulo «O caráter masoquista» em «Análise do caráter». A repetição só é dialética, no sentido atrás formulado, no interior do princípio do prazer-desprazer que, até por interesse heurístico, não deve sofrer limitação se não quisermos abrir de novo a porta ao brotar da metafísica.

construir castelos com areia úmida e que, quando adulto, acabou por manifestar uma forte tendência para a construção; nas três fases encontramos a anterior e, no entanto, sob uma forma e com uma função diferente. Outro exemplo é-nos fornecido pela história do cirurgião ou do ginecologista; o primeiro sublima o seu sadismo operando, o segundo sublima o seu prazer infantil, visual e tátil. A apreciação da exatidão destes fatos só pode ser objeto da crítica empírica e nunca da crítica metodológica. Quem nunca analisou um cirurgião não tem o direito de negar esta afirmação. Mas, do ponto de vista metodológico, pode formular-se uma séria objeção: que a atividades humana depende das condições econômicas de existência. Ora a psicanálise só pretende que esta ou aquela destas forças desempenhe um papel na atividade.⁴⁵

A par desta impulsão subjetiva, a forma de sublimação é, evidentemente, inteiramente determinada pelas condições econômicas; com efeito, é a posição econômica do indivíduo que, antes de mais, o fará sublimar o seu sadismo como carniceiro, como cirurgião ou como detetive. Uma tal sublimação pode também tornar-se impossível por razões sociais; donde o descontentamento em relação à profissão,

45 Nota de 1934: Há algum tempo, exprimi um juízo muito favorável acerca da posição da psicanálise em relação às suas próprias concepções fundamentais. Nenhum analista não-marxista deixará de aceitar que os conteúdos da atividade psíquica são formações (Gebilde) racionais do mundo exterior e que só os investimentos de energia provêm do mundo exterior. Isto verifica-se no fato de, por exemplo, se explicar o capitalismo a partir da vida pulsional. Mas não ignoramos aqui o problema importante, que não foi ainda elucidado, de saber como se comporta o aparelho psíquico energético para dar às excitações do mundo exterior que o atingem a forma (gestalten) de representações do mundo exterior, que podem seguidamente reproduzir-se independentemente das excitações exteriores. Este problema situação ao mesmo nível do do nascimento da contradição interna. n também, sem dúvida, o mesmo problema do nascimento da consciência. Neste domínio não existem sequer elementos rudimentares utilizáveis para uma solução satisfatória.

quando esta é imposta pelas condições sociais. É também necessário perguntar como é que o carácter inegavelmente racional da atividade se concilia com o seu aspecto irracional, também inegável. É" para ganhar a vida, portanto por razões econômicas, racionais, que o pintor pinta, o engenheiro constrói, o cirurgião opera e o ginecologista examina. Além disso, o trabalho é um fator social, portanto perfeitamente racional. Como é que isto se pode conciliar com a explicação psicanalítica segundo a qual o indivíduo, no seu trabalho, sublima uma pulsão que assim satisfaz? Muitos analistas não dão o justo valor ao carácter racional da atividade humana. Encontramos neles uma concepção filosófica que vê apenas nos produtos da atividade humana, as projeções e as satisfações da pulsões⁴⁶. Pelo contrário, um outro analista fez notar ironicamente que um avião era certamente um símbolo do pénis, mas que também podia servir para voar de Berlim até Viena.

O problema das relações entre o racional e o irracional⁴⁷ coloca-se também numa outra ordem de fatos. O trabalho da terra com a ajuda de instrumentos agrícolas, assim como a sementeira, visam, para a sociedade como para o indivíduo, a produção de alimentos. Mas estes atos revestem também o significado simbólico de um incesto com a mãe («a terra, mãe alimentadora»). O racional atrai o simbólico, enche-se de significado simbólico. A relação entre a atividade racional e o significado irracional simbólico que possui, surge, em todos os domínios, como plantação de uma semente e produção de um fruto pela matéria assim trabalhada.

46 Nota de 1934: Encontramos isto no próprio Freud apenas em certos elementos pouco salientes, como por exemplo na concepção da descoberta do fogo; estes elementos de uma concepção idealista do mundo, que em Freud desaparecem face às suas descobertas e às suas teorias materialistas, foram particularmente salientados e desenvolvidos por analistas de pensamento metafísico e ético, até fazer deles concepções grotescas.

47 «Racional» é tomado aqui no sentido de oportuno, útil; «irracional» no sentido de inoportuno, inútil.

Assim, o símbolo está justificado. O fato de a mãe ter, como a terra, de dar os seus frutos depois de ter sido trabalhada com o auxílio de um instrumento (símbolo peniano) mostra que aquilo que parecia desprovido de significado o tem, que todo o simbolismo se apóia numa base real. Numerosas tribos primitivas constroem representações de *phallus* — sortilégios de fecundidade — sobre os campos que semearam, e este ato mágico, objetivamente inútil, esclarece um certo aspecto das relações entre o racional e o irracional; trata-se neste caso de uma tentativa mágica, feita com vista a melhor atingir um determinado objetivo, pondo em ação meios irracionais. O ato racional, neste caso o trabalho e as sementeiras, não é por isso descuidado. E a relação sexual que surge irracionalmente na agricultura como um elemento simbólico é em si lógico e útil; serve para a satisfação da necessidade sexual, tal como o ato de semear serve para a auto-conservação. Uma vez mais, verificamos que não existem contradições absolutas, e que a contradição entre o racional e o irracional se resolve assim de uma forma dialética.

O fato dialético de o irracional existir no racional e reciprocamente deve ser considerado mais atentamente. A experiência psicanalítica respeitante a fatos clínicos particulares permite fornecer uma resposta a este respeito. Ensina-nos que as atividades humanas socialmente úteis podem adquirir um significado simbólico, mas não o adquirem obrigatoriamente. Acontece assim no sonho, por exemplo, quando nele aparece uma faca ou uma árvore: pode tratar-se de um símbolo peniano, mas não necessariamente, podendo o sujeito ter pensado numa faca ou numa árvore reais. E quando ela surge no sonho como símbolo, o significado racional não é, de forma nenhuma, excluído: com efeito, se pela análise se procura saber por que razão o pénis foi representado precisamente por uma faca ou por uma árvore, em vez de o ser por um pau ou outro objeto, encontramos em muitos casos uma explicação racional. É assim que uma ninfômana se masturbava com uma faca, que, sem qualquer dúvida, simbolizava um pénis. Mas a escolha da faca tinha

sido determinada pelo fato de a mãe lhe ter uma vez atirado uma que a feriu. Na masturbação predominava a idéia de que com a faca ela devia destruir-se. Este comportamento, mais tarde tornado irracional, era primitivamente racional: servia para a satisfação sexual. À luz destes exemplos, que poderíamos multiplicar até ao infinito, vemos que todos os atos que parecem irracionais no momento do exame tiveram, num determinado momento, uma função racional. Qualquer sintoma, em si irracional, possui um significado e um objeto quando a análise o sabe conduzir à sua origem. O resultado desta concepção é que toda a *ação pulsional infantil, respondendo à tendência para o prazer, se torna ação irracional a partir do momento em que sofre um recalçamento ou um destino análogo*. O elemento primitivo é portanto o racional.

Tomemos por exemplo a construção mecânica; encontramos nela elementos irracionais, como a satisfação simbólica de um desejo inconsciente⁴⁸. Isto quer dizer que, na sublimação, urna força pulsional que já aspirou racionalmente na infância à satisfação, foi afastada pela educação do seu objetivo primitivo e foi orientada noutra direção. Mas a aspiração tornou-se irracional no momento em que o sujeito renunciou realmente ao objetivo primitivo, continuando a tender para ele na imaginação. Se a pulsão encontra na sublimação um novo objetivo, a antiga aspiração tornada irracional confunde-se com a nova ação racional e surge assim como a sua justificação irracional. t o que esquematicamente demonstra a pulsão sexual de saber que se manifesta mais tarde na atividade do ginecologista por exemplo.

48 Mais uma vez para o engenheiro isolado. (Estas notas seriam supérfluas — com efeito, sublinhei claramente no primeiro capítulo que o objeto da psicanálise era o indivíduo — se tais teses não fossem muitas vezes mal acompanhadas e atribuídas à coletividade).

Primeira fase: a pulsão sexual de saber é racionalmente orientada para a observação do corpo e dos órgãos genitais. Objetivo racional: satisfação do desejo de saber.

Segunda fase: Frustração da atividade direta; a pulsão perde a sua satisfação, a aspiração torna-se irracional *face à existência social atual*.

Terceira fase: a pulsão encontra uma nova forma de atividade que apresenta uma analogia de conteúdo com a primeira. O sujeito torna-se médico e contempla corpos e órgãos genitais, tal como dantes quando era criança. Faz portanto a mesma coisa e no entanto algo de diferente; na medida em que a sua atividade está ligada à situação infantil, ela é, na situação atual, inútil e irracional; na medida em que está relacionada com a sua função social atual, tem um sentido.

Isto significa portanto que *a função social* decide do *caráter irracional ou racional de uma atividade*; da mesma maneira, a transformação do caráter de uma atividade, passando do racional ao irracional e vice-versa, depende da posição social do indivíduo nesse momento. O mesmo comportamento do médico, desprovido de sentido no seu consultório, adquire um sentido na sua vida privada, por exemplo no ato sexual; e aquilo que no seu consultório tinha um sentido, perde este caráter racional da mesma situação privada.

Mas estas considerações autorizam a admitir que a psicanálise, graças ao seu método — que lhe permite descobrir as razões pulsionais da atividade social do indivíduo — e graças à sua teoria dialética das pulsões, é chamada a esclarecer no pormenor as repercussões psíquicas, no indivíduo, das forças produtivas, isto é, a explicar a formação das ideologias «no cérebro dos homens». Entre estes dois extremos: *a estrutura econômica da sociedade* e *a superestrutura ideológica*, de que a concepção materialista da história definiu no conjunto as relações causais, a concepção psicanalítica da psicologia do homem social insere uma série

de mediações. Ela pode mostrar que a estrutura econômica da sociedade não se transforma diretamente em ideologia «no cérebro dos homens»; com efeito, a necessidade alimentar -- cujas formas de expressão dependem das condições econômicas — atua, modificando-as, sobre as funções da energia sexual, muito mais plástica, e esta reação social sobre as necessidades sexuais, que ela limita nos seus objetivos, transmite continuamente, sob a forma de libido sublimada, novas forças produtivas para o processo de trabalho social: em parte diretamente, sob a forma de força de trabalho, em parte indiretamente, sob a forma de resultados altamente complexos da sublimação sexual, tais como a religião, a moral em geral, a moral sexual em particular, a ciência, etc.; por isto, a psicanálise insere-se racionalmente na concepção materialista da história num ponto perfeitamente determinado: no ponto em que começam os problemas *psicológicos*, esses problemas evocados por *Marx* na frase em que diz que o modo de existência material se transforma em idéias no cérebro humano. O processo da libido no desenvolvimento social é conseqüentemente secundário; depende deste desenvolvimento social, intervindo nele de forma decisiva, de tal modo que a libido sublimada, como força de trabalho, se transforma em força produtiva⁴⁹.

49 Nota de 1934: O parágrafo anterior é de conservar no essencial, mas é já bastante primitivo e impreciso em função do estado atual do saber. Que a força produtiva «força do trabalho» constitui no seu núcleo energético um problema da economia sexual do homem, quer dizer, das fases que a libido conhece no seu desenvolvimento, isso já não se pôr em dúvida. Que os marxistas economistas parecem ver nisso um insulto ao trabalho ao rejeitarem com veemência esta possibilidade, que por isso eles deixam de ser marxistas, isto também não pode ser posto em dúvida. No entanto é preciso dizer que ainda sabemos pouco acerca da configuração estrutural e dinâmica da força de trabalho, se bem que isto represente o problema modal da revolução cultural socialista e daquilo a que se chama «planificação do homem» que deve seguir a planificação da economia, se esta pretender instalar-se na estrutura.

Mas se o processo da libido⁵⁰ é o elemento secundário, então é preciso perguntar qual é o *significado histórico do complexo de Édipo*. Vimos que a psicanálise concebe de forma dialética, se bem que inconscientemente, todos os processos mentais; só o complexo de Édipo parece ser na sua teoria um elemento fixo no meio de fenômenos em movimento. Para isso pode haver duas razões. Será o complexo de Édipo que é concebido de uma forma não histórica, como algo de imutável, como um dado fixo na natureza humana? Ou não será antes a forma familiar, base do complexo de Édipo atual, que se mantém *relativamente* fixa há séculos? Jones⁵¹ parece admitir a primeira hipótese. Numa discussão com Malinowski⁵² sobre o complexo de Édipo nas sociedades matriarcais, ele afirma que este complexo é o «*foras ET origo*» de tudo. Esta concepção é indubitavelmente falsa, porque apresentar as relações da criança com o pai e a mãe, relações de descoberta contemporânea, como eternas, idênticas em todas as sociedades, é admitir que o modo de existência social é invariável. Supor eterno o complexo de Édipo, seria pensar que a forma familiar, que é a sua base, é absoluta e imutável, e isto equivaleria a pensar que por natureza a humanidade foi e será constituída tal como nos surge hoje. A hipótese do complexo de Édipo vale para todas as sociedades patriarcais; mas, segundo as investigações de Malinowski, as relações entre pais e filhos são tão diferentes nas sociedades matriarcais, que nunca se pode falar de complexo de Édipo nestas sociedades. Para este autor o complexo de Édipo é um fato socialmente determinado, cuja forma se modifica com a estrutura social. Numa sociedade socialista o complexo de Édipo deve desaparecer porque a sua base social, a família patriarcal, perde a sua razão de ser e desaparece. E a educação coletiva das crianças é de tal forma

50 Nota de 1934: Aqui a acentuação está em «processo». É evidente que a energia vital sexual como força motriz (*Triebkraft*) viva existe antes de qualquer produção.

51 Imago, 1928.

52 «A sexualidade e a sua repressão nas sociedades primitivas», Payot, Paris.

desfavorável ao desenvolvimento de posições psíquicas idênticas às que atualmente se manifestam na família, as relações das crianças entre elas e com os educadores de tal forma múltiplas e móveis, que a noção do «complexo de Édipo» — que significa que se deseja a mãe e se quer matar o pai, o rival — perde o seu significado. E preciso que nos entendamos sobre as definições e que saibamos se havemos de chamar «complexo de Édipo» ao incesto real, tal como existia nos tempos primitivos, ou se reservaremos esta expressão para o desejo *recusado* do incesto e rivalidade com o pai real. Isto significa apenas que uma das teses fundamentais da psicanálise verá a sua validade restringir-se a determinadas formas sociais. Isto significa ao mesmo tempo que o complexo de Édipo se encontra caracterizado como um fato socialmente condicionado, pelo menos na forma e, em última análise, economicamente condicionado. Dadas as divergências dos etnólogos, é ainda hoje impossível resolver o problema da origem do recalçamento sexual⁵³. Freud que em «*Totem e Tabu*» se apóia na teoria darwinista da horda primitiva, faz do complexo de Édipo a *causa* do recalçamento sexual. Mas não toma em conta a sociedade matriarcal. Do ponto de vista das investigações de *Bachefon-Morgan-Engels*, oferecem-se possibilidades de conceber o complexo de Édipo, e a forma familiar que lhe está na base, como uma *conseqüência* do recalçamento sexual que um dia surgiu. Seja como for, a psicanálise privar-se-ia certamente de novas possibilidades de investigação no domínio social e pedagógico se quisesse negar para o complexo de Édipo a dialética que ela própria pôs em evidência na vida mental⁵⁴.

53 Nota de 1934: Posteriormente pudemos elaborar uma concepção utilizável da origem social do recalçamento sexual. Ver «A irrupção da moral sexual».

54 Nota de 1934: Mais tarde verificou-se que este temor era legítimo. A pedagogia psicanalítica encontra-se entravada no seu desenvolvimento por duas barreiras burguesas; em primeiro lugar pela recusa de considerar a contradição entre a suspensão do recalçamento sexual e a inibição burguesa da sexualidade na criança e no

A POSIÇÃO SOCIOLÓGICA DA PSICANÁLISE

Se tomarmos agora a psicanálise como objeto de considerações sociológicas, deparamos com os seguintes problemas:

1. A que fatos sociológicos deve a psicanálise o seu nascimento? Qual é a sua significação sociológica?
2. Qual é o seu lugar na sociedade atual?
3. Qual o seu papel no socialismo?

Respondamos a estas perguntas:

1. Como qualquer outro fenômeno social, a psicanálise está ligada a uma determinada etapa do desenvolvimento social; encontra também a sua condição de existência num dado nível das relações de produção. Como o marxismo, é um produto da era capitalista; mas não está tão diretamente ligada à base econômica da sociedade; no entanto, os laços indiretos que a ligam à base econômica da sociedade podem ser claramente postos em evidência: a psicanálise é uma reação às condições culturais e morais em que vive o homem social. Neste caso, uma reação às condições sexuais tal como resultam das ideologias religiosas. A revolução burguesa do século XIX varreu em grande parte o modo de produção feudal e opôs à religião e às suas leis morais as suas idéias liberais. Mas a ruptura com a moral religiosa já se preparava (por exemplo em França) desde a época da revolução francesa; a burguesia parecia

adolescente; em segundo lugar pela concepção biológica do conflito filho-pais.

trazer em si o germe de uma moral, particularmente de uma moral sexual, oposta à da Igreja. Contudo, uma vez consolidados o seu poder e a economia capitalista, a burguesia torna-se reacionária, reconcilia-se com a religião de que tinha necessidade para manter a opressão do proletariado que entretanto surgiu, e até retomou, sob uma forma algo modificada mas essencialmente intacta, a moral sexual da Igreja. A condenação da sensualidade, a monogamia, a castidade da rapariga e, em seguida, a irrupção da sexualidade masculina, tiveram desde então um novo significado econômico, desta vez capitalista. A burguesia, que havia vencido o feudalismo, retomou em grande parte os hábitos de vida e as necessidades culturais da feudalidade; também achou por bem separar-se do «povo» por leis morais próprias, restringindo assim cada vez mais as necessidades sexuais. Na classe burguesa, por razões econômicas, a liberdade sexual é completamente asfixiada até ao casamento, e a juventude masculina procura a satisfação junto das mulheres e das raparigas do proletariado. Por isso, e devido à contradição ideológica de classes, a exigência de castidade para a rapariga burguesa reforça-se; assim, a moral sexual dupla reaparece sob uma base capitalista. Esta moral decompõe a sexualidade do homem e destrói a da mulher, da mulher que, devido à sua própria evolução, permanece interiormente «casta» no casamento, isto é, frígida, pouco atraente, até repelente; o que novamente reforça a moral dupla, continuando o homem a procurar a satisfação junto da mulher proletária, que ele despreza por sentimento de classe, ao mesmo tempo que é obrigado a manter as aparências de uma «moralidade» irrepreensível; interiormente, revolta-se contra a esposa, mas exteriormente faz alarde de sentimentos exatamente contrários e inculca a sua ideologia nos filhos. Mas o recalçamento, o aviltamento sexual durável torna-se dialeticamente um elemento destrutor da instituição conjugal e da ideologia da moral sexual. a primeira etapa da destruição da moral burguesa: as perturbações mentais multiplicam-se. A ciência oficial, ela própria apanhada pelo recalçamento sexual, despreza a sexualidade como objeto de investigação e lança um

olhar desprezível sobre os autores a quem estes problemas absorvem cada vez mais intensamente. As perturbações mentais, a histeria e a neurosidade geral em aumento contínuo, são consideradas como simples «quimeras», como resultado da «fadiga». No fim do século XIX desenha-se uma reação contra a ciência presa nos seus entraves morais, e é a segunda fase, a fase *científica* do declínio da moral burguesa. Do seio da própria classe burguesa surge um cientista para afirmar que a neurosidade moderna é a conseqüência da moral sexual cultural⁵⁵ e que as neuroses em geral na sua essência específica têm a sua origem numa excessiva restrição sexual. Este cientista, *Freud*, é desprezado, proscrito, tratado como um charlatão. Mas mantém as suas posições e, durante dezenas de anos, permanece só. Nesta época nasce a psicanálise, objeto de desprezo e de horror não só para a ciência, mas para todo o mundo burguês, pois ela ataca as raízes do recalçamento sexual que é um dos pilares de numerosas ideologias conservadoras (religião, moral, etc.)⁵⁶. Ela surge na vida social no momento em que, no próprio campo da burguesia, se revelam indícios de um movimento revolucionário contra estas

55 Freud: «A moral sexual cultural e a neurosidade moderna», assim como os seus trabalhos sobre a teoria das neuroses.

56 Nota de 1934: Este ponto de vista foi aceite pelo próprio Freud apenas em relação à religião, mas não em relação à moral. Freud reduziu as resistências que lhe eram postas aos complexos e recalçamentos infantis daqueles que lhas opunham. Está certo, mas é de tudo o menos importante. Os que mais combateram ou combaterem as teorias freudianas do inconsciente, do desenvolvimento sexual infantil, etc., agem inconscientemente como órgãos de execução de interesses sociais reacionários, mesmo no caso de serem marxistas. A repressão sexual está ao serviço da dominação de classes. Esta reproduziu-se ideológica e estruturalmente nos dominados, e sob esta forma constitui o mais forte poder, ainda desconhecido, de qualquer espécie de repressão. A sociedade burguesa voltou-se contra Freud porque ele parecia ameaçar extremamente a existência do seu aparelho ideológico. O próprio Freud nunca reconheceu esta razão, além de que nem sequer se deu conta do alcance da sua descoberta. A economia sexual continua a função da psicanálise do ponto de vista social, precisamente no aspecto em que ela é rejeitada pelos representantes da psicanálise.

ideologias. A juventude burguesa protesta contra a casa paterna e cria o seu próprio «movimento de juventude», cujo significado oculto é a aspiração à liberdade sexual. Mas, não se tendo aliado ao proletariado, este movimento torna-se insignificante e desaparece depois de ter parcialmente atingido os seus objetivos. Os jornais burgueses liberais atacavam com mais violência a tutela da igreja. A literatura burguesa começava a adotar pontos de vista cada vez mais largos sobre os problemas morais. Todos estes fenômenos, que precederam ou acompanharam a aparição da psicanálise, atenuaram-se. É que, com efeito, a partir do momento em que as coisas se tornam sérias, ninguém ousa ir ao fundo do problema e tirar as conclusões que se impõem.

O interesse econômico prevalece e provoca até uma aliança entre o liberalismo burguês e a Igreja.

Sociologicamente, o marxismo era a expressão de uma tomada de consciência das leis econômicas, da exploração de uma maioria por uma minoria; da mesma forma, a psicanálise era a expressão de uma tomada de consciência da repressão sexual social. Do ponto de vista social, é este o significado fundamental da psicanálise freudiana. Existe no entanto uma diferença essencial: enquanto uma classe explora e a outra é explorada, o recalçamento sexual é um fenômeno que engloba as duas classes. Historicamente, do ponto de vista da história da humanidade, o recalçamento é mesmo mais antigo do que a exploração de uma classe por outra. Mas não é quantitativamente igual nas duas classes. A avaliar pelo «*Capital*» de *Marx* e pela «*Situação das classes trabalhadoras na Inglaterra*» de *Engels*, não existiu por assim dizer limitação ou recalçamento da sexualidade no proletariado, nos primórdios do capitalismo⁵⁷.

57 Nota d 1934: Esta formulação necessita de ser corrigida. O recalçamento sexual não estava ausente no proletariado, mas existia apenas sob uma forma diferente devido à

A forma sexual do proletariado era apenas caracterizada e influenciada pela situação social lamentável — atualmente podemos ainda dizer o mesmo do lumpen-proletariado. Mas ao longo do desenvolvimento capitalista, quando a classe dominante começou a tomar medidas sociais conforme o exigem a sua existência e os seus interesses próprios, começou um processo de aburguesamento ideológico contínuo do proletariado. O recalçamento sexual deslocou os seus efeitos também sobre o proletariado, sem no entanto tomar nele proporções tão consideráveis como na pequena-burguesia, sempre mais realista que o rei e que observa o ideal moral do seu modelo, a grande burguesia, mais escrupulosamente do que o faz esta última — que no fundo já rejeitou esta moral há muito tempo.

O destino da psicanálise na sociedade burguesa está portanto ligado à atitude da burguesia em relação ao recalçamento sexual e à sua supressão.

2. O problema que se põe é o seguinte: Partindo do princípio de que os conhecimentos e as fórmulas psicanalíticas não perderão a pouco e pouco o seu significado, *poderá a burguesia suportar a psicanálise sem, a longo prazo, daí lhe advirem graves conseqüências?*

O próprio criador da psicanálise não previu nada de bom para o futuro desta. Pensava que, não podendo suportá-las, a sociedade diminuiria de qualquer forma o alcance das suas descobertas. É claro que só se referia a uma parte da sociedade, isto é, à classe burguesa; o proletariado ainda não sabe nada de psicanálise, ainda não aprendeu a

sua situação social diferente. Sobre este assunto também sabemos ainda muito pouco. A criança proletária possui uma grande liberdade sexual no meio de uma pressão sexual muito severa. Isto cria uma estrutura particular que se diferencia fundamentalmente da estrutura pequeno-burguesa por exemplo.

conhecê-la. Se bem que não possamos ainda saber qual será a sua atitude face à psicanálise, possuímos já uma quantidade suficiente de indícios que nos permitem estudar a do mundo burguês⁵⁸.

A significação social do recalçamento sexual explica a razão pela qual a psicanálise não é admitida. Mas que faz o mundo burguês da psicanálise se não a condena? Há dois aspectos a considerar: de um lado a ciência, sobretudo a psicologia e a psiquiatria; do outro, o público leigo. A dúvida que um dia *Freud* exprimiu, ironicamente, é válida quer para um quer para outro: se se aceita a psicanálise, dizia ele, será para a manter ou para a destruir?

Nas mãos daqueles que a não conhecem realmente, a psicanálise deixa de ser a obra de *Freud*: a análise da sexualidade é admissível, mas os exageros... Que fazer da ética humana? Análise? Muito bem, mas... a síntese não é menos necessária. E quando *Freud* começou a construir a sua psicologia do eu sobre a sua teoria sexual, o mundo científico teve um enorme suspiro de *alívio*: *Freud* começava finalmente a refrear os seus absurdos; finalmente, a atenção volta-se para aquilo que existe de «superior» no homem, e sobretudo para a moral... E não foi preciso muito tempo para se começar a falar de ideal do eu, estando a sexualidade, segundo a expressão estereotipada, «naturalmente subentendida».

58 Nota de 1934: A evolução posterior permite afirmar que as descobertas da psicanálise encontram imediatamente uma compreensão natural no trabalhador inculto, ao contrário do que se passa com o funcionário pequeno-burguês; não basta divulgar os conhecimentos psicanalíticos na sua terminologia psicanalítica, é preciso explicar claramente os fatos a partir da vida sexual das massas. O movimento alemão Sexpol, que se desenvolveu rapidamente, deu-nos a prova da força política da teoria sexual científica. Sobre este assunto ver a história do movimento Sexual na Z. f. p. u. S. (1934).

Falou-se de uma nova era da análise, de um Renascimento... Numa palavra, a psicanálise tornava-se socialmente admissível.⁵⁹

A situação entre o grande público é ainda mais desoladora e repugnante. Sob a pressão da moral sexual burguesa, este apoderou-se da psicanálise como de uma moda que lhe permitia saciar a sua lubricidade. No salão, na hora do chá, analisam-se mutuamente os complexos, fala-se do simbolismo do sonho. Discute-se sem a mínima competência. É-se a favor ou contra a análise. Uns entusiasmam-se pela grandiosa «hipótese», ao passo que outros, não menos ignorantes, estão convencidos de que *Freud* é um charlatão e a sua teoria uma simples bola de sabão. «Além disso, pergunta o «crítico», que significa esta hipertrofia exclusiva da sexualidade, como se não existisse nada de mais elevado?» E ele próprio já não sabe falar senão de sexualidade. Na América constituem-se associações e clubes de discussão psicanalítica; a conjuntura é favorável, é preciso fazê-la render; elimina-se a sexualidade insatisfeita e, ao mesmo tempo, ganha-se muito dinheiro através de uma prática que ousa denominar-se psicanálise. A «psicanálise» tornou-se um bom negócio.

Acabamos de descrever o estado de coisas fora da psicanálise. Que se passa no interior da própria psicanálise? Deserção sobre deserção; os investigadores não recitem à pressão do recalçamento sexual, *Jung* baralhou toda a teoria psicanalítica (que no entanto estava solidamente construída), para fazer dela uma religião em que o problema da sexualidade já não se põe⁶⁰. Da mesma forma, o recalçamento sexual

59 Nota de 1934: Posteriormente isto foi confirmado de forma trágica pelo abandono crescente da teoria sexual (Adler, Jung); este estado, de fato, merece uma análise aprofundada.

60 Nota de 1934: Ultimamente Jung tornou-se o advogado do fascismo no domínio da psicanálise. A Associação Psicanalítica Internacional (Internationale Psychoanalytische Vereinigung) não faz a menor idéia da significação e da origem sócio-culturais destes acontecimentos. Mais ainda, ela opõe-se à sua explicação. É possível demonstrar que

conduz *Adler* à tese segundo a qual a sexualidade não é senão uma das manifestações do instinto de poder, afirmação pela qual ele rompe com a psicanálise e funda uma comunidade ética. Rank, outrora um dos mais dotados discípulos de *Freud*, dilui o conceito da libido na psicologia do eu, chegando assim à sua teoria do corpo materno e do traumatismo do nascimento, acabando por negar os conhecimentos fundamentais da psicanálise. O recalçamento sexual está sempre contra a psicanálise. O trabalho de enfraquecimento, tendente para o compromisso, realizado pelos próprios meios psicanalíticos, mostra até que ponto eles estão social e economicamente dependentes. Desde a aparição da obra de *Freud* intitulada o «*Eu e o Infra-Eu*», raramente se fala da libido e procura-se remeter para o eu toda a teoria das neuroses, proclama-se que a descoberta do sentimento inconsciente de culpabilidade constitui a primeira descoberta autêntica de *Freud* e que só agora se consegue chegar ao fundo das coisas.

A tendência para o compromisso e para a capitulação perante a moral sexual burguesa surge claramente na terapêutica das neuroses, em que se aplica na prática ao indivíduo, na sociedade capitalista, uma teoria eminentemente revolucionária. A situação social do psicanalista impede-o de explicar publicamente que a moral Sexual atual, que o casamento, a família burguesa, a educação burguesa não se podem conciliar com a cura psicanalítica radical das neuroses. É fácil reconhecer que as condições familiares são desoladoras, que o meio que rodeia o doente é geralmente o maior obstáculo à sua cura, mas teme-se — por razões fáceis de compreender — extrair destas constatações as conclusões que elas

todos os movimentos de dissidência no interior da psicanálise têm em comum o facto de partirem da contradição entre a teoria social infantil e o modo de existência burguês dos analistas. Quer se trate de problemas de terapêutica analítica (Rank, Stekel) ou de concepções teóricas (Adler, Jung), este estado de fato merece uma análise aprofundada porque explica melhor do que qualquer outra coisa a significação social da psicanálise.

impõem. Isto conduz também a desvirtuar o significado do princípio da realidade e da adaptação à realidade, estendendo-se por isto a submissão total às exigências sociais que originaram a neurose.

O atual modo de existência capitalista da psicanálise estrangula-a, portanto, simultaneamente por fora e por dentro. *Freud* tem razão: a ciência declina. Mas nós acrescentamos: na sociedade *burguesa*.. Se ela não se lhe adaptar, não existe dúvidas; mas se a psicanálise se adaptar à sociedade burguesa, sofre a mesma morte que o marxismo nas mãos dos socialistas reformistas, isto é, a morte por degenerescência, antes de mais por abandono da teoria da libido. A ciência oficial não quererá ouvir falar mais dela, pois a sua servidão social impede-a de aceitar. Os analistas que encaram com otimismo a divulgação da psicanálise enganam-se fortemente. Esta divulgação marca precisamente o início do seu declínio.

Como a psicanálise aplicada sem compromissos de qualquer espécie sapa a ideologia burguesa, como por outro lado a economia socialista constitui a base de um livre desenvolvimento do intelecto e da sexualidade, a psicanálise só pode ter futuro no socialismo⁶¹.

61 Nota de 1934: Na União Soviética a psicanálise não pôde desenvolver-se. Encontrou as mesmas dificuldades que nos países burgueses, só com a diferença importante de que, individualmente, os analistas ocupam funções importantes. Mas no plano social permaneceu estagnada. Isto explica-se com certeza pelo fato de os dirigentes da União Soviética não terem reconhecido a contradição em que se encontra a revolução sexual e cultural neste país. Este domínio de problemas é tão vasto e oferece uma problemática tão rica que não podemos aqui adiantar mais nada, por muito atual que seja o problema. Se, como já ouvi dizer, Staline reconheceu que, ao contrário da economia, não se podia considerar conseguida a planificação do homem, isto deve-se primeiro que tudo — como se conclui das informações que temos — à inexistência da restauração sexual dos homens. Sei que esta afirmação pode levantar grande indignação, mas hoje não posso fazer mais do que esperar um exame aprofundado deste problema que, segundo desejo, estará em breve suficientemente amadurecido para ser apresentado a público.

3. Vimos que a psicanálise não pode extrair de si uma concepção do mundo e que, conseqüentemente, não pode substituir uma concepção do mundo; mas ela implica uma revisão de valores; aplicada na prática ao indivíduo, destrói a religião, a ideologia sexual burguesa e liberta a sexualidade. Ora estas são precisamente as funções ideológicas do marxismo. Através da revolução econômica e da concepção materialista do mundo, ele destrói os antigos valores; a psicanálise faz ou poderia fazer o mesmo no domínio psicológico. Mas, condenada a permanecer socialmente ineficaz na sociedade burguesa, ela só pode aspirar à eficácia *depois da realização da revolução social*. Numerosos analistas pensam que ela não pode transformar o mundo na via da evolução e substituir assim a revolução social, uma utopia baseada numa ignorância absoluta dos problemas econômicos e políticos⁶².

A importância social futura da psicanálise parece residir em três domínios:

1. *Na exploração da história da humanidade primitiva*, como ciência auxiliar, no quadro do materialismo histórico. A história primitiva, condensada nos mitos, nos costumes folclóricos e nas práticas das tribos primitivas atuais, não é acessível, do ponto de vista metodológico, à doutrina sociológica de *Marx*. Este trabalho só pode ser fecundo se os analistas receberem uma sólida formação sociológica e econômica e

62 Nota de 1934: A idéia segundo a qual só depois da realização da revolução a psicanálise poderia transformar os seus efeitos numa força social, constituía uma concessão de pouco alcance ao marxismo economista da ultra-esquerda. As experiências na Alemanha, em particular a reação imediata de toda a juventude às primeiras tentativas de política sexual que consistiam em politizar a vida privada, ensinaram que a dissolução pela psicologia de massas das contradições entre as necessidades sexuais e as inibições morais constitui para o trabalho revolucionário um meio de ação importante, fundamental no plano da política cultural. Ver a apresentação da problemática da política sexual em «*Psicologia de massa do fascismo*».

renunciarem às concepções individualistas e idealista do desenvolvimento histórico.

2. *No domínio da higiene mental* que só se pode desenvolver na base de uma economia socialista. Numa economia regulada, podemos ter pretensões a uma *economia libidinal regulada*, o que é completamente impossível para a massa mergulhada em formas de vida burguesas, e acessível quando muito a alguns indivíduos isolados. A temperatura individual das neuroses só pode encontrar um campo de ação adequado no socialismo⁶³.

3. *No domínio da educação*, como base psicológica da educação socialista. A psicanálise deve ser considerada como indispensável devido ao conhecimento que tem do desenvolvimento mental da criança. Na sociedade burguesa, ela está, enquanto ciência auxiliar da pedagogia, condenada no domínio à esterilidade. Nesta sociedade a criança só pode ser educada para esta sociedade; educar com vista a uma outra sociedade, é entregar-se a uma modificação ilusória enquanto o regime subsistir; da mesma forma, *antes* da revolução, a pedagogia psicanalítica só pode ser aplicada no interesse da sociedade burguesa. Mas os pedagogos psicanalíticos que procuram modificar esta sociedade arriscam-se a ter a mesma sorte do padre que, visitando um agente de seguros ateu à beira da morte, o deixou sem o ter convertido, mas não sem ter assinado uma apólice. A sociedade é mais forte do que as aspirações de alguns dos seus membros isolados.

63 Nota de 1934: Nestes últimos anos, a exploração da formação da estrutura humana assumiu uma importância cada vez maior. Sem ela é impossível formular uma concepção verdadeiramente científica da profilaxia das neuroses, da destruição radical do sentimento religioso, de um domínio planificado da força produtiva força de trabalho, e de dominar conscientemente a inserção estrutural do sistema econômico socialista.

A APLICAÇÃO DA PSICANÁLISE À PESQUISA HISTÓRICA

O estudo da formação da estrutura psíquica é tarefa da psicologia científica. Como tal, será forçosamente uma psicologia disposta dos métodos necessários para compreender e expor a dinâmica e a economia dos processos psíquicos. No meu trabalho sobre as relações entre a psicanálise e o materialismo-dialético⁶⁴, tentei provar que a psicanálise é o núcleo a partir do qual devia ser desenvolvida uma psicologia materialista-dialética. Dado que a concepção burguesa do mundo dos sábios introduz geralmente nas suas próprias disciplinas concepções deformadas e princípios falsos, todo o ensaio de psicologia materialista e dialética requer, primeiramente uma crítica metodológica. Neguei, nesse trabalho, a possibilidade de extrair uma sociologia da psicanálise, porque o *método* da psicologia deve, quando aplicado às realidades do processo social, conduzir inevitavelmente a resultados metafísicos e idealistas, o que na realidade aconteceu. Tal me valeu duros ataques por parte dos psicanalistas que praticam a «sociologia selvagem». Era, então, tão claro para mim que nenhum método psicológico se pode aplicar aos problemas sociológicos, quanto estava, por outro lado, certo de que a sociologia não pode renunciar à psicologia, quando se trata de questões relacionadas com a citada «atividade subjetiva» dos homens e da formação da ideologia. Após ter finalmente encontrado uma formulação provisória que

64 «Materialismo dialético e psicanálise», Sob a bandeira do marxismo, 1929.

tentava dar, na sociologia, um lugar à psicanálise, fui atacado por Sapir⁶⁵ que me acusou de ter caído em contradição. Dado que eu próprio contestava, com efeito, a aplicação da psicanálise à sociologia, enquanto, por outro lado, lhe designava, mesmo assim, um lugar determinado, não era difícil dirigir-me uma tal censura. Claro que a tarefa dos meus críticos era mais fácil que a minha. Alguns continuaram, com toda a indiferença, a urdir a sua «sociologia psicanalítica», a qual acabou por festejar recentemente o seu triunfo com a tese segundo a qual a existência da política se deve explicar pela necessidade de punição das massas⁶⁶. Os outros liquidaram, no seu conjunto, este difícil problema sustentando simplesmente que a psicanálise é uma disciplina «idealista» e que seria melhor votá-la ao completo desinteresse, o que foi dar provas de poucos esforços e disponibilidade para esclarecer os problemas. Numerosos críticos, como por exemplo, Sapir, caíram afinal em contradição, quando se viram obrigados a reconhecer, na mesma altura, que a psicanálise havia feito uma série de descobertas fundamentais, a melhor teoria sexual, que tinha descoberto o inconsciente e o recalçamento sexual e, a partir daí, o processo psíquico, etc. Quando perguntei como era possível que uma disciplina idealista pudesse fazer descobertas importantes, deixaram-me sem resposta.

A discussão que se tem mantido até agora, sobre a significação sociológica da psicanálise, caracteriza-se pela oposição de duas opiniões: para uns a psicanálise, como psicologia individual, nada pode explicar no domínio social; para os outros ela não é apenas uma psicologia individual mas também uma psicologia social, portanto perfeitamente apropriada para uma aplicação aos fatos sociais. Deve notar-se que a discussão se

65 Sapir, «Freudismo, psicologia, sociologia», Sob a bandeira do marxismo, 1929, 1930.

66 Laforgue, «Psicanálise da política», Psychoanalytische Bewegung; 1931. Este trabalho foi submetido por Fenichel a uma crítica, tanto de método como de conteúdo, Psychoanalytische Bewegung, 1932.

tem mantido em volta de palavras, sem que se tivesse tentado verificar, através de fatos reais, tais afirmações. Quando em 1929 repudiei a aplicação do método psicanalítico ao domínio social, apoiava-me nas aplicações do método psicanalítico à sociologia, efetuadas, até então, pelos psicanalistas, aplicações essas que contradiziam estritamente as do marxismo e se revelavam falsas. Era certamente claro que a psicanálise tinha coisas importantes a dizer sobre sociologia, mas a questão estava simplesmente em saber como se poderiam evitar os absurdos que daí tinham, então, resultado, e qual o caminho que se deveria tomar para dar o devido valor aos tesouros que eram já visíveis mas, provisoriamente, inacessíveis. É verdade que eu repudiei no meu trabalho, aparecido em *Sob a bandeira do marxismo*, a aplicação do método psicanalítico em sociologia, mas conseguira, ao mesmo tempo, encontrar uma formulação provisória, o que levou Sapir a censurar a minha inconseqüência. Escrevia eu então: «mas estas considerações autorizam-nos a admitir que a psicanálise, graças ao seu método que lhe permite descobrir as raízes pulsionais da atividade social do indivíduo e graças à sua teoria dialética das pulsões, é chamada a esclarecer em pormenor as repercussões psíquicas no indivíduo, das forças produtivas, ou seja, explicar a formação das ideologias na «cabeça humana». Entre os dois extremos que são, por um lado a *estrutura econômica da sociedade* e por outro, *a sua supraestrutura ideológica*, cujas relações causais foram definidas, no conjunto, pela concepção materialista da história, a concepção psicanalítica da psicologia do homem socializado integra uma série de elos intermediários. Pode-se demonstrar que a estrutura econômica da sociedade se não traduz imediatamente em ideologias na «cabeça dos homens»; com efeito, a necessidade alimentar, cujas formas de expressão dependem das condições econômicas do momento, age sobre as funções da, muito mais plástica, energia sexual que *ela* modifica, e esta ação social sobre as necessidades sexuais, cujas finalidades limita, transfere *sem* cessar, sob a forma de libido sublimada, novas forças produtivas para o processo social do trabalho. Por um lado diretamente, sob a forma de

força de trabalho, por outro indiretamente, sob a forma de produtos altamente elaborados da sublimação sexual, tais como a religião, a moral em geral, a moral sexual em particular, a ciência, etc. Significa isto que a psicanálise se insere racionalmente na concepção materialista da história, num ponto perfeitamente determinado e adequado: no ponto onde começam os problemas *psicológicos*, evocados por Marx na frase em que diz que os modos materiais de existência se transformam, no cérebro humano, em idéias. O processo da libido no desenvolvimento social é, conseqüentemente, secundário; depende desse desenvolvimento social, ainda quando nele intervém de forma decisiva, medida em que a libido sublimada se torna, como força de trabalho, numa força produtiva»⁶⁷.

Hoje em dia ter-me-ia sido possível formular várias coisas mais claramente e já não teria apresentado a religião e a moral como *sublimações pulsionais*. Naquela altura, eu tinha uma vaga idéia de um fato muito simples mas que consegui depois avaliar em toda a sua importância: a saber, que a estrutura psíquica de uma operária cristã, que adere ao Centro⁶⁸ ou ao fascismo e não pode ser desviada da sua orientação política por qualquer esforço do tipo habitual, deve ser de uma espécie particular, diferente da estrutura psíquica de uma operária comunista. Compreendi então que a sua dependência material e autoritárial em relação aos pais na infância, ao marido na idade adulta, a tinham forçado a recalcar as suas aspirações e desejos sexuais, o que a fizera cair na ansiedade característica, facilmente revelável, e no temor sexual, estados que a tornavam absolutamente incapaz de compreender o postulado comunista da autonomia da mulher e sua livre determinação. Era, além disso, evidente que, se o recalçamento sexual ultrapassava uma certa medida, ou era produzido de um modo determinado, tornavam o indivíduo fortemente ligado à Igreja e à ordem burguesa, e incapaz de

67 Materialismo dialético e psicanálise, op. cit.

68 Zetrum, grande partido liberal da Alemanha pré-hitlerista.

criticar. A importância desta questão não reside unicamente no fato de existirem milhões de mulheres nestas condições, mas, muito mais ainda, na inevitável constatação de que um tal modo de pensar não repousa no «embrutecimento» ou no «obscurcimento», por exemplo, mas numa modificação fundamental da estrutura humana, no sentido da ordem reinante. No que respeita ao alcance prático desta questão, e doutras questões análogas da psicologia das massas, não podia ceder aos meus amigos marxistas que me apressavam a responder logo, teoricamente, à crítica de Sapir⁶⁹. As discussões teóricas tornam-se habitualmente estéreis, quando as não colocamos no terreno das questões práticas e concretas. Foi necessário, com o auxílio de questões particulares do movimento político, forçar a decisão no que diz respeito ao significado da psicanálise para a luta de classes. Na verdade, este caminho revelou-se como o mais frutuoso, tanto quanto à crítica das teorias metafísicas em psicanálise, como à integração teórica da psicanálise na pesquisa marxista.⁷⁰

Esta integração devia partir de um evidente ponto de vista: a saber, que as questões sociológicas não podem ser abordadas com um método psicológico. Mas podia também abrir largamente a possibilidade de dar uma forma mais frutuosa e mais eficaz à pesquisa marxista na história e na política, pela introdução dos *conhecimentos* da psicanálise (*não do seu método*) em certos domínios como o da formação da ideologia, da retroação da ideologia, etc. Isto barra o caminho da sociologia ao psicólogo que não tem cultura e formação sociológica, e obriga-o a assimilar o método da pesquisa histórica. Ao mesmo tempo, força o economista a reconhecer a sua contradição, quando fala de *consciência* de classe.

69 Sapir, segundo soube entretanto, já não é considerado competente na União Soviética, porque era discípulo de Deborine, portanto «idealista».

70 A este respeito ver *Psicologia de massas do fascismo*, 1933.

Quando, por conseqüência, os analistas hoje em dia me dizem que moderei o meu ponto de vista, muito estrito no que respeita à exclusão da psicanálise na pesquisa sociológica, porque eu próprio abordei fenômenos de massa com «pontos de vista» psicanalíticos, vejo-me obrigado a pedir-lhes que verifiquem não ser esse o caso relendo o meu trabalho de 1929. Escrevi então: «O verdadeiro objeto da psicanálise é a vida psíquica do homem socializado. Ela só faz entrar em linha de conta o psiquismo das massas na medida em que apareceram neste, fenômenos individuais (o problema do chefe, por exemplo), na medida em que pode explicar, a partir das suas experiências sobre o indivíduo, as manifestações da «alma das massas», tais como a angústia, o pânico, a obediência, etc. Mas parece que o fenômeno da consciência de classe lhe é, tão somente, acessível; e problemas tais como o movimento de massa, a política, a greve, que são da alçada da teoria social, não podem ser objeto do método psicanalítico. Este método não pode pois substituir-se à teoria social, nem extrair de si próprio uma teoria social»⁷¹.

A partir das precedentes discussões e explicações, ter-se-á tornado claro que tais teses são justificadas e apenas necessitam de ser, nalguns pontos, precisadas. Agora como antes, não podemos interpretar os fenômenos sociais de modo psicanalítico. Isto significa que não podem ser objeto do modo psicanalítico. A questão da consciência de classe era então pouco clara e por isso se dizia: «Parece que...» Hoje em dia já se lhe podem dar formulações mais precisas.

Transpareceu no acumular de experiência, coisa que apenas era indicada no trabalho publicado em *Sob a bandeira do marxismo*, que a condição inicial de uma concepção psicológica do problema da consciência de classe é a rigorosa distinção entre o seu aspecto objetivo e o seu aspecto subjetivo. Verificou-se, por um lado, que os elementos

71 Materialismo dialético e psicanálise, op. cit.

positivos e as forças motrizes da consciência de classe não podem ser interpretados de modo psicanalítico, que os *entraves* ao seu desenvolvimento não podem, pelo contrário, ser compreendidos *senão* de modo psicanalítico, porque provêm de fontes *irracionais*. Os meus críticos foram muitas vezes, e ainda agora precipitados no seu julgamento. Quando a ciência descobre um novo domínio, deve primeiramente afastar muitas antigas concepções, a fim de considerar, sem pressuposições, as coisas de uma maneira nova.

Apresentará ou formulará portanto um ou outro ponto de maneira falsa, nos seus primeiros enunciados. Mas para desenvolver uma psicologia marxista correta, era necessário acabar primeiro com a aplicação da técnica da *interpretação* psicanalítica no domínio sociológico. Só depois disto foi possível determinar o que havia de racional e irracional na problemática da consciência de classe, ou seja, o lugar que era necessário dar à interpretação dos fenômenos irracionais. Se, para dar apenas um exemplo, eu interpreto o desejo revolucionário em todos os casos, mesmo na esfera sociológica, como uma revolta contra o pai, caio na ideologia da reação política; mas se examino concretamente em que medida o desejo revolucionário corresponde a uma situação racional, em que medida a ausência de um tal desejo é irracional, se examino os casos em que o desejo revolucionário corresponde realmente a uma inconsciente revolta contra o pai, etc., então levei *ad absurdum*, a ciência burguesa «sem pressuposições», realizei um verdadeiro trabalho científico e prestei assim um serviço ao movimento operário e não à reação política; porque a ciência marxista não é senão um inexorável pôr a nu das inter-relações reais.

A clareza metodológica, relativa à integração da psicanálise na pesquisa histórica, é de uma importância decisiva para o resultado de toda e qualquer investigação. É por isso importante ocuparmo-nos, um pouco mais de perto, da crítica que Fromm fez no seu trabalho sobre

Tarefa e método de uma psicologia social analítica às minhas formulações acima citadas, em *Materialismo dialético e psicanálise*. Escreve Fromm: «Era necessário tentar encontrar, com os meios postos à nossa disposição pela psicanálise, o fundamento e os sentidos ocultos de modos de comportamento, tão manifestamente irracionais na vida social, tais como os que se exprimem na religião e costumes populares, mas também na política e na educação... Se esta (a psicanálise) encontrou *na* vida pulsional, no inconsciente, as chaves que nos permitem compreender o comportamento humano, ela deve então estar no direito e em posição de afirmar coisas essenciais sobre os fundamentos do comportamento social. Porque, enfim, também a «sociedade» se compõe de indivíduos vivos particulares que só podem estar submetidos às leis psicológicas que a psicanálise descobriu no seio do indivíduo. É por isso que nos parece um erro limitar a psicanálise, como o faz W. Reich, ao domínio da psicologia pessoal, e estabelecer, como princípio, que ela se não pode aplicar aos fenômenos sociais como a política, a consciência de classe, etc. O fato de que a sociologia trata de um fenômeno, não significa de modo algum que ele não possa ser objeto da psicologia (do mesmo modo que é inexato que um objeto estudado sob os diferentes pontos de vista da física, o não possa ser sob os da química). Isto significa apenas que este fenômeno não é objeto da psicologia, em particular da psicologia social que pesquisa funções e fundamentos sociológicos do fenômeno psíquico —, senão na medida em que nela representam um papel fatos psíquicos, mas também em toda essa medida. »

Infelizmente, Fromm apenas citou as minhas exclusões, esquecendo as minhas formulações inequívocas sobre o lugar que a psicanálise deve tomar na pesquisa sociológica, e que só ela pode tomar, mostrando efetivamente *como* o material se transforma, na cabeça humana, em momento ideal. É evidente que a psicanálise, e só ela, pode explicar os modos de comportamento irracionais como o exemplificam os comportamentos religiosos e místicos de toda a espécie, porque só ela é

capaz de explicar as reações pulsionais no inconsciente. Contudo, não o poderá fazer de forma correta se não deixar de tomar, apenas, «em consideração» os fatos econômicos e se se der perfeitamente conta de que as estruturas inconscientes, que reagem de uma determinada maneira irracional, foram, elas próprias, produzidas por processos históricos sócio-econômicos, e que, conseqüentemente, pode a motivação dos mecanismos inconscientes ser *oposta* à dos mecanismos econômicos, mas que os mecanismos inconscientes podem apenas ser considerados como forças que agem a título de mediação entre o ser social e os modos de reação humanos. Mas quando Fromm pretende, além disso, que a psicanálise é capaz de enunciar verdades essenciais sobre as razões profundas do comportamento social, por ser a sociedade composta de indivíduos particulares, vemo-nos então perante uma falta de precisão na expressão, que abre de novo, e completamente, as portas aos enganos da psicologia que Fromm pretende eliminar. Na medida em que se compreende o «comportamento social» como comportamento do homem na vida social, a oposição entre comportamento pessoal e comportamento social não tem qualquer sentido, pois não há outro comportamento além do social. Mesmo o comportamento no sonho acordado diurno é um comportamento social, tão determinado pelas realidades sociais como caracterizado por relações fantásticas com os objetos. Devemos, para aclarar o assunto e, esperamo-lo, estender definitivamente à sociologia psicanalítica oficial, a crítica feita a Fromm. Não se trata de subtilezas minuciosas mas de coisas perfeitamente grosseiras. Existem vários comportamentos sociais do homem onde a posição intercalar dos mecanismos pulsionais inconscientes que temos descrito, e que tão decisiva é noutros fenômenos, representa apenas um papel. Importa que o comportamento do pequeno capitalista quando de uma bancarrota, por exemplo, ou a revolta dos camponeses nas baixas de preços dos cereais, não sejam explicados por motivações da libido ou pela revolta contra o pai. É importante saber e reconhecer que em tais casos a psicologia só se pode pronunciar quanto aos efeitos do fenômeno sobre o

comportamento, e não sobre as causas e bases desse comportamento. Pretende-se que o capitalismo não seja explicado pela estrutura sádico-anal dos homens, mas esta pela ordem sexual do patriarcado. E a sociedade não é somente composta por indivíduos singulares (por exemplo uma multidão), mas por um número múltiplo de indivíduos que são determinados na sua vida e no seu pensamento precisamente por razões de produção, totalmente independentes da sua vontade e também das suas pulsões que *os ligam assim entre eles e sobre eles agem*; embora de tal modo que as relações de produção modificam precisamente a estrutura pulsional nos pontos decisivos, como por exemplo na reprodução ideológica e estrutural do sistema econômico, de que falaremos mais tarde. Por conseguinte, quando dizemos que podemos explicar as bases e as razões profundas, trata-se de determinar exatamente quais. E o que é essencial é o que nos distingue das tendências correntes das «psicologias sociais» que combatemos: a saber, que tomamos em linha de conta os limites e a dependência da psicologia, que sabemos só podermos explicar os elos intermédios entre a base e a supra-estrutura, o (processo de troca material) entre a natureza e o homem na sua *representação psíquica*. É uma vantagem suplementar muito importante, podermos, desta maneira, explicar também a reação da ideologia sobre a base, por meio das relações de produção tornadas estruturas. Porque é esta delimitação precisa, de uma importância capital? É porque, aqui, o limite é traçado entre a aplicação idealista e a materialista-dialética da psicologia, ao domínio social. Os resultados que esta aplicação promete, merecem que nos entreguemos a um esclarecimento laborioso e muito cuidado. Este resume-se no seguinte: não podemos dizer precisamente *nada* sobre as razões profundas do comportamento humano que se situam no sector extra-psíquico, sobre as leis econômicas que determinam o processo social e sobre as leis fisiológicas que regem o aparelho pulsional, sem cairmos imediatamente nos braços da metafísica.

Sobre outro ponto, que se liga imediatamente a estas distinções, devo contradizer, além de Fromm, outros amigos que, habitualmente, compartilham as minhas concepções. Fromm sustenta o ponto de vista de que a minha contestação da aplicação do *método* psicanalítico a fenômenos sociais tais como a greve, etc., é uma posição falsa. Outros marxistas objetaram-me que se pode aplicar o método psicanalítico a fenômenos sociais porque ele é, nos seus traços fundamentais, um método materialista-dialético. O próprio Fromm pensa que modifiquei o meu ponto de vista «de modo feliz» nos meus trabalhos sociológicos empíricos. Mas não é o caso. Hoje, como dantes, evito aplicar o *método* psicanalítico às realidades sociais, e isto pela razão que posso formular aqui, pela primeira vez, por forma precisa. É verdade que estudamos os fenômenos sociais com o auxílio do método do materialismo dialético; é verdade que a psicanálise é um método de investigação materialista-dialético; por consequência, e como pensaria um lógico abstrato, o método psicanalítico devia poder ser «logicamente» aplicado aos fenômenos sociais, sem dar maus resultados. Os meus amigos caem aqui, inconscientemente, numa forma de pensar abstrata, do tipo de uma lógica idealista. Segundo as leis da lógica abstrata, têm razão, mas enganam-se segundo as leis da dialética. Subtileza? Não, antes uma realidade muito simples: o método do materialismo dialético é um método unitário, não importa o domínio em que o apliquemos. A tese da unidade dos contrários, da transformação da quantidade em qualidade, etc., é válida em todos os campos. Contudo, a dialética materialista é diferente na química, diferente na sociologia e diferente ainda na psicologia. Porque o método de investigação não se mantém sem apoio, antes é determinado na sua natureza particular, precisamente pelo objeto a que se aplica. E é exatamente aqui que se revela a exatidão da tese da unidade do pensamento e do ser. É por isso que não podemos trocar o caso particular da dialética materialista no método *sociológico* pelo outro caso particular da dialética no método *psicológico*. Quem sustenta o ponto de vista de se poderem resolver corretamente as questões

sociológicas com o *método* psicanalítico, aceita simultaneamente, quer o queira quer não, outro ponto de vista segundo o qual se pode, por exemplo, explicar o capitalismo por meio dos métodos da análise química. A argumentação seria a mesma se reconhecessemos a validade do método psicanalítico para as realidades sociais; pois o processo social diz, indubitavelmente, respeito tanto à matéria como aos homens. Portanto, se o podemos examinar psicologicamente, porque não também quimicamente? Por este exemplo se vê onde nos conduziria o ponto de vista de Fromm, se o seguíssemos de forma conseqüente. Fromm engana-se quando pretende que os psicanalistas chegaram, no domínio sociológico, a resultados falsos, por se terem desviado, em sociologia, do método analítico. Não, eles foram inteiramente conseqüentes na aplicação do método de interpretação dos conteúdos psíquicos significativos, da redução dos fenômenos psíquicos aos mecanismos pulsionais inconscientes, no caso de fenômenos sociais como por exemplo, a organização capitalista ou monogâmica. E foi precisamente por isto que passaram ao lado da sua finalidade, pois a sociedade não tem psique, nem inconsciente, nem pulsão, nem superego, como Freud o admite em *Mal-estar na civilização*; é assim que as verdadeiras realidades de que depende cada aplicação *específica* da dialética materialista foram postas em processos de uma outra espécie, onde, objetivamente, se não encontram; e é por isso que daí resultam absurdos. Também não é verdade, como admite Fromm, que um *mesmo e só* objetivo, possa ser examinado, simultaneamente, química e fisicamente. A física não pode definir a composição química e a química não pode determinar a velocidade da queda de um corpo; as diferentes funções ou qualidades do *mesmo* objeto são examinadas precisamente com métodos diferentes que são, ambos, materialistas-dialéticos. O mesmo acontece em sociologia. Só os malabaristas da ciência, de um tipo determinado e bem conhecido, conseguem de fato explicar o *mesmo* fato social, de modo psicológico e sócio-econômico. Eis o ecletismo da pior espécie. Examinar as diferentes funções do mesmo fenômeno com os métodos adequados e

reconhecer, a partir daí, a conexão e interdependência recíprocas dessas funções, tal é a aplicação do materialismo-dialético. É por isso que quando Fromm afirma que a psicologia social «examina as razões sociais profundas e as funções do fenômeno psíquico», se engana. Um exemplo. As razões sociais profundas da religião, da moral, etc., são funções' sociológicas e econômicas de uma relação de *classe*, da relação de produção operário-capitalista; esta relação é determinada pela propriedade privada dos meios de produção, por diferenças entre o valor de utilização e o valor de troca da mercadoria-força-de-trabalho, por conseqüência, por categorias *sociológicas*. Esta relação de produção enraíza-se em conseqüência das medidas econômicas constrangedoras, da classe dominante, sobre a estrutura psíquica dos membros da sociedade, particularmente da classe dominada, modifica a sua estrutura por meio de instituições particulares como por exemplo, a família, depois a escola, a igreja, etc., e transforma-a numa formação cujas reações crônicas se fazem sobre um modo típico. Estamos então em presença de um fenômeno sócio--psicológico, como por exemplo a relação pai--filho, na sua dualidade: *submissão* à autoridade, depois *revolta* contra a autoridade, que repousa em primeiro lugar sobre a relação econômica e, secundariamente, sobre a atitude afetiva irracional. Segundo a concepção psicanalítica oficial, esta relação afetiva cria a relação pai-filho, por conseqüência a aparição da relação, por exemplo, entre o capitalista e o operário, quando na realidade esta relação autoritárial existe na base da relação de classe, *antes* da relação afetiva. A investigação, auxiliando o método sócio-econômico, leva à descoberta das relações de classe. A investigação pelos meios da psicanálise leva à descoberta do seus derivados, por conseqüência não à explicação das funções sociais mas à explicação do seu estabelecimento psíquico. Se se procede inversamente, se, por conseguinte, tratamos esta relação entre indivíduos diferentes de duas classes, como a relação de duas instâncias psíquicas no interior de um só e mesmo homem, deve então chegar-se, sem que isso signifique necessariamente ser-se um velhaco nato, à idéia que um dia me exprimi

um eminente psicanalista: a saber, que a burguesia é precisamente o superego, e o proletariado o Isso⁷² do organismo social e que a burguesia se limita a exercer a função do superego, segurando as rédeas do Isso. Estou convencido que Laforgue é bom homem, e no entanto ele tinha necessariamente de chegar à conclusão de que a polícia se explica pela necessidade de punição das massas, dado que ele estuda psicologicamente a polícia, como instituição social, e não a sua psicologia e os seus efeitos sobre os dominados.

Apliquei, em diferentes trabalhos sociológicos empíricos, os resultados psicanalíticos à sociologia, sem discutir especialmente as questões do método aplicado. Quero agora esclarecê-las, apresentando um exemplo. A greve é um fenômeno sociológico na fase capitalista da evolução social. A sociologia marxista estuda os processos que levam a uma greve, pondo a claro, por exemplo, a relação de produção entre os operários e o patrão; e a lei da economia capitalista pela qual a mercadoria-força-de-trabalho é comprada e consumida, como qualquer outra mercadoria, pelo proprietário dos meios de produção. Ela descobre outras leis econômicas, pelas quais a concorrência constrange os produtores a reduzir os salários para aumentar a taxa de lucros, etc. No entanto esta greve faz-se pela vontade e consciência dos operários em causa, ou seja, o fato sociológico é psiquicamente representado de, uma maneira determinada. Conseqüentemente, a psicologia deve ter alguma coisa ,a dizer, a este respeito; mas como? Porque daí depende *aquilo* que ela enuncia. Verificar-se-á imediatamente que a psicanálise do inconsciente de um ou vários operários grevistas nada enunciará sobre a greve como fenômeno social ou sobre as «razões profundas» e também pouca coisa sobre as motivações que levam o operário a participar na greve. Ainda que consigamos apreender o que é *comum* a

72 No sentido de coisa, ou objeto.

estes operários, se, portanto, fazemos psicologia social, não enunciados, em absoluto, o porquê das greves em geral, por outras palavras, a própria psicologia social não explica a greve. Pois que a descoberta dos conflitos infantis dos operários com o pai ou a mãe nada têm a ver com a greve atual, mas unicamente — e é isto exatamente o que devemos reter — com o terreno histórico-econômico *comum* [estrutura capitalista — ou seja, de economia privada — da sociedade] donde resultam, tanto as greves como os célebres conflitos pais-filhos. Se, no entanto, tentamos recorrer aos elementos encontrados na análise do operário para explicar o fenômeno da «greve», chegamos então à conclusão de que a greve é uma revolta contra o pai. O fato de se ter posto sobre o mesmo plano a «greve» e o «comportamento psíquico durante a greve» escapa à atenção. Mas esta diferença é decisiva. Deixa-se escapar, ou por falta de clareza metodológica, ou por motivos reacionários conscientes ou inconscientes, pois a interpretação sociológica implica conseqüências diferentes das da interpretação psicológica; aquela conduz ao conhecimento das leis da sociedade de classe, esta mascara-as.

A greve pode estar imbricada no trabalho psíquico do inconsciente, por exemplo sob a forma de um sonho no qual a greve age como um resto diurno; coisa curiosa, este caso é nitidamente mais raro que pata outras realidades, nascidas da esfera sexual. Mas explicar a greve a partir desta realidade equivale a fazer a mesma coisa que o etnólogo oficial da psicanálise, *Roheim*: declarações sobre as culturas primitivas a partir dos sonhos primitivos, em vez de explicar o conteúdo conflitual dos sonhos a partir das culturas primitivas.

Assim com a psicologia, apreendemos o comportamento do operário na greve, mas não a própria greve. Contudo, na medida em que o comportamento do operário determina o resultado da greve «entram em jogo fatores psíquicos». No entanto trata-se de uma coisa diferente, quando nos encontramos em presença de uma situação socioeconômica

que deveria conduzir a uma greve, mas esta não se *produz*. Neste caso, a investigação econômico-sociológica é insuficiente se pretende encontrar uma relação histórico-econômica imediata, pois o desenrolar de um processo sociológico foi aqui entravado por um outro processo, sendo este um processo psicológico (realidade sócio-psicológica ou psicológica de massa) como, por exemplo, falta de confiança do pessoal nos instigadores da greve, e por consequência na sua direção, adesão a chefes sindicalistas reformistas sabotando a greve, ou medo ansioso diante do patrão. Noutros casos, o medo perante as dificuldades materiais na situação de greve pode ser decisivo. Mas mesmo este comportamento que, naturalmente, tem uma decisiva influência no desenrolar da luta de classes, não deve ser, de novo, somente explicado de maneira diretamente psicológica mas também, e decisivamente, de maneira *indiretamente* sociológica. Porque, em última análise sociológica, a adesão a chefes sindicalistas reformistas é, ela própria, o resultado de uma relação determinada; num caso, a razão superficial pode ser medo do despedimento, noutros, a razão mais profunda pode ser a angústia perante a revolta contra a autoridade, que provém da ligação infantil ao pai. Mas de onde provém a ligação ao pai e a angústia diante da autoridade? De novo, unicamente da situação familiar que é, ela própria, determinada sócio-economicamente. Por consequência, trata-se, na aplicação da psicologia, apenas do conhecimento dos elos intermédios, mais ou menos numerosos, entre o processo econômico e a ação do homem nele. Quanto mais racional é o comportamento, tanto mais estreito se torna o campo das tarefas da psicologia do inconsciente; e quanto mais irracional, mais esse campo se alarga e mais a sociologia necessita do auxílio da psicologia. Isto é sobretudo válido para o domínio do comportamento das classes oprimidas, na luta de classes. O fato de um operário industrial, ou a classe operária, se esforçar por fazer coincidir o modo de propriedade com o modo de produção pode, eventualmente, suscitar a observação suplementar de que, nesse caso, segue as leis elementares do princípio de prazer-desprazer.

Mas o fato de a classe oprimida admitir e mesmo manter, em largas camadas, a exploração, sobre uma ou outra forma, não pode ser diretamente compreendida senão através da psicologia e é apenas imediatamente, indiretamente, que pode ser compreendida, através da sociologia. O fato de ter a sociologia analítica procedido, até ao presente, por forma inversa, de ter tentado explicar a revolta psicologicamente e admitido, pelo contrário, o cumprimento da obediência, como um dado que não precisa de qualquer explicação, refere-se à sua concepção do princípio de realidade, segundo o qual o prazer, no adulto, é substituído pela adaptação às exigências da realidade. No entanto, não é apenas a lei capitalista da exploração que pertence à realidade, mas também a consequência própria dessa exploração que é uma consequência dolorosa e que tem assim, como consequência, uma não-adaptação. A concepção oficial explica a não-adaptação como um comportamento infantil-irracional. Aqui, opõem-se duas visões do mundo. Certamente que não negamos, como fazem os nossos adversários, o nosso ponto de vista político. Mas mantemos que a diferença entre estas tomadas de posição políticas reside no seguinte: uma interpreta psicologicamente, como disposição da natureza humana, o que deve ser explicado sócio-economicamente e passa ao lado do que deveria explicar, a saber, o *impedimento* do desenrolar dos processos sociológicos e assim — num caso como no outro — se *desvia* da realidade; a outra tomada de posição, pelo contrário, nada exclui, absolutamente nada, da extensão da capacidade do conhecimento humano; tem mesmo um interesse diretamente oposto, o de fazer entrar tudo no domínio da ciência, de chegar, pela aplicação fundamental do método do materialismo dialético, a todos os domínios, a uma visão científica do mundo, e a tornar assim supérflua a filosofia, na medida em que esta foi, até agora, a ciência do não-conhecido.

Resulta daqui, em conclusão que *a aplicação consciente ou inconsciente do materialismo dialético no domínio da psicologia, nos*

fornece os resultados da psicanálise clínica, que a aplicação destes resultados na sociologia e na própria política levam a uma psicologia social marxista, enquanto que a aplicação do método psicanalítico aos problemas da sociologia e da política, redundam, necessariamente, numa sociologia metafísica psychologizante e, o que é mais, reacionária.